CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

ANNO XLII | **Assignaturas:** SEM ESTAMPILHA: Anno, 4$000 réis; Semestre, 2$000 réis; Trimestre, 1$000 réis; Avulso, 40 réis. COM ESTAMPILHA: Anno, 4$500 réis; Semestre, 2$250 réis; Trimestre, 1$125 réis; Avulso, 45 réis.—Pagamento adeantado. | PUBLICA-SE AS QUARTAS E SABBADOS | SABBADO 23 DE DEZEMBRO DE 1893 | **Publicações:** Correspondencias particulares, 40 réis por cada linha, no typo commum do jornal Annuncios, 30 réis por linha; Repetições, 20 réis, accrescendo o imposto do sêllo.—Recebem-se annuncios annuaes, mediante contracto especial. | NUMERO 4:326

E' um dos nossos correspondent s em Paris **Monsieur A. Lorette.**—Rua Caumartin, 61.

SUMMARIO:—Nova provocação.—Conselheiro Bernardino Machado.—Peccado constitucional.—Basta.—Eleições.—Officio.—Ao sr. director do correio de Coimbra.—A consoada.—Noticias do estrangeiro.—Carta de Lisboa.—Noticiario.—O partido progressista.—A crise ministerial.—Folhetim: Magdalena.—A bocca e os microbios.—Noticias diversas.—Secção litteraria.—Bibliotheca Historico-Politica.

AVEIRO

Nova provocação

O governo triumphou mais uma vez. A corôa, cobrindo as ambições e as audacias dos seus ministros, collocou-se de novo fora da legalidade existente para se impor de frente contra o partido progressista e contra o povo portuguez.

Affrontando assim a lei fundamental e desprezando os principios que elle consagrou, o throno praticou mais uma vez a tristissima aventura de attentar contra o brio nacional, permittindo, alem da dissolução, a reconstituição funesta, que exauctora o prestigio do poder e o decoro da nação.

Não obedece o seu procedimento a qualquer plano de ordem ou de patriotismo, nem se inspira em sentimento algum de interesse capital para o paiz. E' um acto de fraqueza, é uma provocação insolita a nós todos, é um rompimento aberto e impudente comnosco, o povo portuguez, é um acto de dictadura odiosa, que ataca os legitimos interesses do paiz e inutilisa a acção augusta da Liberdade e da Justiça.

Esta é a verdade toda, que, na conjunctura dolorosa que atravessamos, seria um crime não dizer inteira.

Não precisamos de explorar com ella em proveito das nossas conveniencias partidarias. Mas não devemos encobrir a ameaça de terror que impende por sobre nós, nem illudir a boa fé dos que nos lêem para calar ataques que nos affrontam e intenções criminosas que nos prejudicam.

E' preciso protestar por todas as formas contra o arbitrio do poder, e intimar a corôa a respeitar a constituição e a manter illesas as liberdades publicas e as sagradas franquias populares.

A Carta foi conspurcada e a Liberdade offendida.

Protestemos, pois, todos contra o medonho attentado de que somos victimas, ou dentro em pouco suspender-nos-hão tambem as garantias.

CONSELHEIRO BERNARDINO MACHADO

Prestes a entrar no prelo o ultimo numero do nosso jornal, quando tivemos noticia do telegramma do sr. Visconde de Balsemão, que até hoje tão dignamente tem administrado os negocios d'este districto e tanto tem pugnado a favor dos interesses d'elle, mal podémos accrescentar algumas palavras ao texto do mencionado telegramma. Agora que já o nobre ministro, que assignou o contracto para o fornecimento da draga para este porto, abandonou os conselhos da corôa, podemos desafogadamente exprimir o nosso pensamento com o desassombro de adversarios intransigentes da actual situação politica, que sempre combatemos, já nas medidas de fazenda do sr. Fuschini, já na marcha politica que tem seguido o actual gabinete, já principalmente na maneira inconstitucional como ultimamente procedeu e promette continuar.

Se, porém, o nosso jornal tem atacado o ministerio, convem lembrar que não deixou de fazer justiça ao sr. conselheiro Bernardino Machado, que, na sua passagem pelo ministerio das obras publicas, reparou duas grandes injustiças de que era victima a nossa terra.

Foi a primeira determinar que não fosse desviado da sua applicação legal o imposto que só a este districto onera e que se applica ás obras da nossa barra e, embora seja um mero acto de justiça, convém lembrar que nenhum dos ministros regeneradores que o precederam quiz attender ás justificadas reclamações que d'aqui se lhe faziam, pedindo o que era nosso e muito nosso; devendo recordar-se que foi quando o actual ministro do reino dirigia a pasta das obras publicas que, pela primeira vez, deixou de se applicar ás obras da nossa barra aquelle imposto, sendo o nosso jornal que levantou n'essa occasião o grito de alarme.

A segunda injustiça que reparou o sr. conselheiro Bernardino Machado, foi a de dotar a nossa ria com um melhoramento de que ella carece ha já muitos annos e que, por mais de uma vez tem sido reclamado aos poderes publicos, sem que, até hoje, tenham logrado ser attendidas as justissimas e justificadissimas reclamações d'estes povos. E' o fornecimento da draga para serviço do porto d'Aveiro.

Ainda o sr. conselheiro Bernardino Machado dotou esta cidade com a escola de desenho industrial, auxiliando assim as industrias artisticas d'esta região, que tão desprotegidas e desamparadas tem sido até hoje.

Embora adversarios politicos do sr. conselheiro Bernardino Machado, não podemos deixar de lembrar os beneficios que s. ex.ª fez a este districto e de que elle está deshabituado, desde que o partido progressista abandonou o poder. Apezar comtudo de não serem favores, mas sim actos de justiça, os que o sr. conselheiro Bernardino Machado praticou para com este districto, tão desacostumados estamos de que nos faça justiça o partido regenerador, que entendemos não bastar o officio que hoje transcrevemos e que os illustres medicos, que compõem a commissão promotora dos melhoramentos da ria d'Aveiro, enviaram ao nobre ministro, que acaba de abandonar a pasta das obras publicas, e por isso, nas columnas do nosso jornal tentamos traduzir os sentimentos de gratidão de que o sr. conselheiro Bernardino Machado se tornou credor n'este districto, sentimentos tanto mais vivos quanto é certo que n'esta terra pode s. ex.ª encontrar adversarios politicos, que continuarão admirando a grande valia do seu talento, a sua energia e que se lembrarão sempre com applauso do seu procedimento justiceiro para com esta terra, que tanto lhe deveu durante o tempo em que s. ex.ª sobraçou a pasta das obras publicas.

Peccado constitucional

O nosso illustrado collega da *Tarde*, publica no seu n.º de 20 do corrente os seguintes imaginosos periodos em artigo editorial:

Estimamos sinceramente que o partido pregressista se mostre arrependido de ter investido contra a corôa, e venha publicamente penitenciar-se d'esse peccado constitucional. Sempre lhe dissémos que seguia por um caminho errado, e até por mais de uma vez lhe pedimos que abandonasse essa tortuosa vereda. Combata o governo com quanta furia lhe approuver — escrevemos nós mais de uma vez—mas deixe em paz a corôa, que, segundo a Constituição, é irresponsavel.

O partido progressista não tem de que penitenciar-se, pois que não foi elle que investiu contra a corôa, mas sim ella que investiu contra a constituição e contra o paiz.

Quando, porém, o tivesse feito, não tinha porque arrepender-se, vista a forma inconstitucional porque já depois de praticado o primeiro delicto da dissolução, praticou o segundo da reconstrucção. A corôa imagina naturalmente que vive em mar de rosas, quando é de espinhos e de abrolhos a vereda porque se conduz.

E não diga a *Tarde* que ella é irresponsavel, porque se os reis não tivessem a responsabilidade dos actos que praticam, entrariamos indubitavelmente no regimen do governo absoluto.

Pois infringe conscientemente a corôa a constituição, estrangula por suas proprias mãos as liberdades legaes, e quer acolher-se depois á inviolabilidade, para se subtrahir ás consequencias do attentado? Não pode ser. A corôa abriu com estes dois ultimos actos um periodo de luctas sangrentas, cujos funestos resultados ha de fatalmente sentir dentro de pouco.

O nosso partido aconselhou-a a que o não fizesse, no generoso intuito de salvaguardal-a. Os seus conselhos foram por ella desprezados, e em compensação acceites os dos regeneradores. Pouco viverá quem não chegar a ver quaes os que tinham razão.

Basta

A solução da crize ultimamente manifestada no seio do gabinete, significa uma affronta ao decoro do poder e uma offensa á moral publica, que se fere no mais sagrado dos seus sentimentos de honestidade e de brio.

A pasta das obras publicas, gerida n'outros tempos por *Fontes Pereira de* Mello, Rodrigo da Fonseca Magalhães, Sá da Bandeira, Marquez de Loulé e tantos outros da mesma esphera, ocupa-a hoje o sr. Carlos Valbom!...

E' um escarneo, é uma affronta, é uma injuria á memoria de todos esses homens, sãos de consciencia e limpos de caracter, cujas cinzas se revolvem com vergonha e se horripilam de espanto.

Cada vez nos convencemos mais de que somos um paiz profundamente decadente, que os governos de proposito aviltam e a chancella real degrada.

Não lhes bastavam, á corôa e ao governo, o attentado revoltante da dissolução das camaras. Não lhes bastava o assombroso commettimento da reconstituição. Foi-lhes preciso ainda, para maior ultrage á constituição e maior desprezo pelas circumstancias penosas que atravessamos, insultar o decoro nacional com a chamada do sr. Valbom aos bancos do poder, e amortalhar o credito do paiz nos crepes em que envolveram a decencia ministerial.

Isto é baixo, isto é repugnante, isto é unico nos registros e annaes dos abusos do poder! Párem de vez com a roda dos desatinos; restituam ao decoro nacional o nome que lhe roubaram; basta de ultrages e de vergonhas; basta!

Eleições

O *Diario do Governo* publicou os seguintes decretos:

Tendo de proceder-se á eleição geral de deputados ás côrtes, que hão de reunir-se no dia 7 do proximo mez de março, em virtude do decreto de 7 do corrente mez, pelo qual foi dissolvida a camara dos senhores deputados da nação portugueza: hei por bem determinar o seguinte:

Artigo 1.º E' fixado o domindo 4 do proximo mez de fevereiro para a reunião das commissões de recenseamento eleitoral, a fim de darem cumprimento ao disposto nos artigos 42.º, 43.º, 44.º e 45.º do decreto de 30 de setembro de 1852.

Art. 2.º São convocadas as assembléas eleitoraes do reino para o dia 11 de fevereiro proximo, a fim de elegerem os deputados na conformidade da carta de lei de 21 de maio de 1884 e do mappa annexo á mesma lei.

Art. 3.º Os actos eleitoraes e de apuramento serão praticados nos prasos e pela fórma prescripta na citada lei de 21 de maio, no decreto de 30 de setembro de 1852 e na carta de lei de 23 de novembro de 1859.

Art. 4.º Os governadores das provincias ultramarinas, logo que recebam communicação do presente decreto, mandarão proceder ás eleições nos circulos de suas jurisdicções, conforme o mappa annexo á lei de 8 de maio de 1878, nas epocas que forem compativeis com as distancias e meios de communicação.

Art. 5.º Do igual faculdade usarão os governadores civis dos districtos das ilhas adjacentes, quando deixem de receber a communicação do presente decreto a tempo de poderem ser praticados os actos eleitoraes nas epocas n'elle designadas.

Os ministros e secretarios d'estado dos negocios do reino e dos negocios da marinha e ultramar assim o tenham entendido e façam executar. Paço, em 19 de dezembro de 1893.—REI—*João Ferreira Franco Pinto Castello Branco—João Antonio de Brissac das Neves Ferreira.*

*

Tendo de proceder-se á eleição da parte electiva da camara dos dignos pares do reino: hei por bem decretar o seguinte:

Art. 1.º As commissões de recenseamento eleitoral, convocadas por decreto d'esta data para o dia 4 de fevereiro proximo, darão cumprimento aos preceitos dos artigos 44.º e 45.º do decreto de 30 de setembro de 1852 tambem pelo que toca á eleição dos dolegados dos concelhos aos collegios districtaes, que teem de eleger os quarenta e cinco pares dos districtos administrativos.

Art. 2.º As assembleias eleitoraes, convocadas por decreto d'esta data para o dia 11 de fevereiro proximo para a eleição geral de deputados, procederão tambem no mesmo dia e hora á eleição dos delegados effectivos, e seus supplentes, aos collegios districtaes, que tem de eleger os pares do reino.

Art. 3.º E' fixado o dia 13 do proximo mez de fevereiro, pelas dez horas da manhã, para a eleição dos deputados ao collegio especial dos estabelecimentos designados no artigo 8.º da lei de 24 de julho de 1885, que elegerão os respectivos delegados effectivos, e outros tantos supplentes, nos termos dos §§ 1.º e 3.º, podendo tomar parte n'esta eleição os individuos mencionados no § 2.º do citado artigo 8.º

Art. 4.º E' designado o dia 25 do proximo mez de fevereiro, pelas dez horas da manhã, para a eleição dos pares, devendo os collegios districtaes, compostos pela forma estabelecida no artigo 3.º do decreto de 20 de fevereiro de 1890, reunir-se no edificio da camara municipal da séde do respectivo districto, ou no que para esse fim for destinado pelo competente governador civil, tendo logar dois dias antes d'aquelle a reunião dos mesmos collegios a fim de procederem á constituição das mesas e verificação doe poderes dos delegados eleitos.

§ unico. No mesmo dia e hora terá logar a eleição dos cinco pares pelos estabelecimentos scientificos, devendo o competente collegio especial reunir-se na sala da academia real das sciencias, sob a presidencia do presidente d'esta nos termos dos artigos 48.º, 52.º e 53.º da lei de 24 de julho de 1885.

Art. 5.º No processo da composição dos collegios districtaes e do especial, eleição dos delegados, poderes, que lhes serão conferidos, eleição dos pares e todos os mais actos eleitoraes, se observarão as disposições da lei de 24 de julho de 1885, com as modificações do decreto de 20 de fevereiro de 1890, e as applicaveis da legislação eleitoral a que se referem a mesma lei e o citado decreto.

Art. 6.º Os governadores civis dos districtos das ilhas adjacentes, quando deixarem de receber a communicação do presente decreto a tempo de poderem ser praticados os actos eleitoraes nas epocas n'elle marcadas, designarão novos prasos, que sejam compativeis com as distancias e meios de communicação.

O ministro e secretario d'estado dos negocios do reino assim o tenha entendido e faça executar. Paço, em 19 de dezembro de 1883.= REI — *João Ferreira Franco Pinto Casello Branco.*

OFFICIO

E' do theor seguinte o officio que a commissão promotora dos melhoramentos da nossa ria dirigiu ao sr. conselheiro Bernardino Machado e a que nos referimos em outro artigo do nosso jornal:

Ill.mo e ex.mo sr.—Por participação telegraphica do sr. governador civil do districto, foi esta commissão informada que se acha definitivamente firmado por s. ex.ª o contracto para o fornecimento d'uma draga para o serviço da ria d'Aveiro.

Como representantes do comicio de 3 d'abril passado, cumpre-nos desde já patentear os agradecimentos de que s. ex.ª se tornou credor pelo importante melhoramento com que acaba de dotar esta região; melhoramento cuja justiça e opportunidade v. ex.ª reconheceu na visita que se dignou fazer a esta ria.

Consinta porém v. ex.ª que, a par dos agradecimentos que nos comprazemos em manifestar, e cujo sentimento commosco compartilham todos os habitantes d'esta circumscripção administrativa, respeitosamente chamemos a attenção de s. ex.ª para os beneficos resultados que já se estão evidenciando n'esta barra e ante-porto com a reparação a que se anda procedendo nos redentes de S. Jacintho.

Evidentes são já, como dizemos, os resultados obtidos e tão importantes são aquelles que devem esperar-se da conclusão de tal obra, que ousamos instar com s. ex.ª para que se digne providenciar de maneira que não parem, até seu completo acabamente, aquelles trabalhos inadiaveis, o que confiadamente esperamos da manifesta boa vontade e subida protecção que v. ex.ª se tem dignado dispensar a esta região.

Deus guarde a v. ex.ª

Aveiro, 20 de dezembro de 1893.

Ill.mo e ex.mo sr. conselheiro Doutor Bernardino Luiz Machado Guimarães, dignissimo ministro e secretario de estado dos negocios das Obras Publicas Commercio e Industria.

A commissão,
Manuel Gonçalves de Figueiredo
Elias Fernandes Pereira
Manuel de Mello Freitas
Edmundo de Magalhães Machado
Manuel Pereira da Cruz

AO SR. DIRECTOR DO CORREIO DE COIMBRA

Continuamos, e pela ultima vez, a chamar a attenção do sr. director do correio de Coimbra para o que se está passando com o nosso velho amigo, sr. Henrique da Cunha.

Até hoje não se procedeu a syndicancia alguma. Aquelle nosso amigo não foi ouvido, nem se deram as providencias que se deviam dar.

Esta é a ultima vez que chamamos a sua attenção, e se dentro de oito dias o nosso amigo não for ouvido, então dirigir-nos-hemos pessoalmente ao sr. director geral dos correios, e ao sr. ministro das obras publicas.

Não largaremos mão d'este assumpto. Basta já de contemplações n'um negocio de tamanha responsabilidade.

A CONSOADA

E' um quadro encantador de realidade, a formosissima poesia que segue, e que, pela solemnidade da quadra em que entramos, constitue um mimo de subido valor, que porisso offerecemos aos que nos dispensam a amabilidade da sua leitura, como um cartão gentil de boas-festas:

Não tendo mesmo nada de burguez,
D'esse grotesco que me faz quizilia,
Revelava uma sancta pacatez
Aquella antiga meza de familia.

Tendo no rosto essa expansão singella
Que indica o goso de uma vida honesta
A familia da casa em volta d'ella,
Dava lhe alegremente um ar de festa.

Era convidativa essa franqueza
Com que ahi toda a gente se servia
De uma alimentação farta e sadia
Sem pratos vis, de nomes á franceza.

*

N'uma das cabeceiras embebidos
N'um requinte finissimo de goso,
Conversavam dos noivos promettidos
Dando ao quadro um detalhe precioso.

Ella, desesseis annos, loira e clara,
Toillete simples de um supremo encanto,
Modos gentis de uma elegancia rara
E um ar travesso, de tentar um santo...

Elle—o rapaz— fallando alegremente,
Algum tanto *blazé* e mais maduro,
Recostava n'um plano auri-lazento
Uns projetos sensatos de futuro...

E havia umas creanças buliçosas
Sadias e de forte construcção,
Que lançavam as vistas cubiçosas
Para os doces e fructas da estação...

E, ao fundo, a Avó bondosa e delicada
Olhava attenta pelo bom de todos,
Serena, presidindo á CONSOADA
Fidalgamente e com distinctos modos.

86.

EUGENIO SANCHES DA GAMA.

NOTICIAS DO ESTRANGEIRO

Nem do Brazil, nem de Mellila, os telegrammas ultimamente recebidos adiantam nada. Tudo sem alteração notavel.

CARTA DE LISBOA

22 DE DEZEMBRO DE 1893.

As attenções deixaram de estar prezas ao facto da dissolução para se voltarem todas para a reconstituição do gabinete, que excluiu de si dois de seus membros, qual d'elles mais importante, para admittir e se completar com dois personagens, que são, um antigo regenerador, e outro progressista ainda ha pouco, mais tarde auxiliar da regeneração, agora regenerador convicto, e ámanhã sabe Deus o que será.

A escolha d'este ministro surprehendeu toda a gente, e ainda hoje custa a acreditar que elle o seja. E' preciso descrer de tudo desde que a seriedade desappareceu das altas regiões do poder. A corôa está cercada de mediocridades plebeias e não faz senão o que ellas lhe dictam. A velha fidalguia, os homens sensatos, os verdadeiros homens de bem não tem cabida nos paços reaes; e os poucos que por alli persistem não são os que El-Rei ouve. Os insignificantes plebeus, os que ainda ha pouco eram republicanos e que o serão ámanhã se as auras da republica pairarem sobre o sóllo da patria; uns militares pouco conhecidos, e uns pseudo fidalgos de moderna data, são os que preponderam no animo da corôa, que ignora tudo o que vae cá por fóra, e que se tem chegado aos ultimos termos do desconceito publico, pelos seus ultimos actos, a essa gente o deve. O que vale é que este estado de cousas não pode durar por muito tempo. O paiz está solemnemente indisposto com este modo de proceder, e n'um praso muito curto terá tirado o desforço que casos tão graves reclamam.

— Depois da apresentação dos novos ministros a sua magestade a Rainha viuva, e ao sr. infante D. Affonso, no Estoril, onde foram, o gabinete reuniu-se em conselho, que foi muito demorado. Affirmam todos, que o ministerio não reziste á guerra que está soffrendo da imprensa e da opinião publica, clara e terminantemente indignada contra o modo porque foi resolvida o crize, e mais expressamente contra a entrada do sr. Carlos Valbom, nos conselhos da corôa. O facto indignou toda a gente e mais especialmente a velha guarda do partido regenerador. E pode tanto, n'esta parte, a influencia da opinião, que o sr. ministro da marinha pedio já a sua demissão sendo preciso que El-Rei interferisse no caso, empenhando-se para se conservar. Aqui a indignação é geral e ninguem crê que o governo possa conservar-se, em presença da attitude da opinião claramente manifestada na imprensa de todas as cores. Jornal ha, dos mais cordatos mesmo, que lança sobre o actual chefe do gabinete o stigma, que resulta de que é elle quem traz arrastada pela lama a corôa portugueza. E a verdade é esta. Mais baixo não se pode descer. Se El-Rei não procura emendar o mal, as coisas chegam ao ponto extremo da mais pronunciada indignação. E é este o assumpto do dia. A queda do governo, a queda immediata é negocio resolvido, e será esse o meio unico de tranquilisar a opinião.

— Espera-se com anciedade a publicação da carta que o sr. Fuschini resolveu dirigir á imprensa, declarando os motivos que o levaram a resignar o poder. Parece que essa publicação não se fará esperar, e que apparecerá n'um jornal da noute d'ámanhã.

— O sr. Carlos Valbom recebeu o tratamento mais glacial dos empregados superiores do ministerio das obras publicas, quando tomou posse do gabinete que homens tão distinctos tem occupado. Diz-se mesmo que o novo conselheiro está arrependidissimo de ter acceitado o cargo que exerce por imposição do Rei ao sr. Hintz Ribeiro.

— Esteve ligeiramente incommodado com principio de influenza o nosso bom amigo sr. dr. Barbosa de Magalhães. Felizmente que o incommodo foi passageiro, e o distincto advogado pode já considerar-se bom.

— O nosso honrado collega sr. Marques Gomes, partiu hontem para essa cidade.

— Não é tão inteiramente positivo como chegou a affirmar-se o accordo entre a sr.ª condessa de Penha Longa, com seu irmão e sobrinho. A sr.ª condessa acaba de prestar juramento como *inventariante* e cabeça do casal de seu fallecido marido, em vista das decisões unanimes dos tribunaes superiores, assumindo, pois, toda a administração da importante casa do fallecido. S. ex.ª partiu hontem para a sua casa da Gandarinha, pois deseja passar o Natal com os seus azylados.

— Um jornaléco d'aqui, que quer passar por jocoso, e que afinal, é de uma sensaboria atroz com as suas piadas insulsas, está sempre a tirar baralha da redacção do *Correio da Tarde*, que nem sequer encherga tal rabiscador impertinente, aliás aplicar-lheia uma d'aquellas lições, que elle já tem levado, para aprender a ter senso, já que não tem graça!

— Partiu para essa cidade, em commissão de serviço na repartição de fazenda do concelho, o sr. João Caetano Pereira, empregado da direcção das contribuições directas.

— Foi collocado na repartição de fazenda de Sant'Anna, o nosso amigo, o sr. José Diogo de Lemos, primeiro aspirante da repartição de fazenda d'esse districto. Ha, pois, ahi uma vaga no quadro, que deve ser preenchida pelo segundo aspirante mais antigo.

— A reserva metalica do Banco de Portugal foi accrescentada na semana finda com 500:000$000 reis em ouro.

Y.

NOTICIARIO

«Campeão das Provincias».—Como de costume, pela solemnidade dos dias proximos, que teem em Aveiro uma commemoração distincta e differente de todas as outras terras do paiz, o n.º 4327 do *Campeão das Provincias*, que deveria ser publicado na proxima quarta feira, só sairá no sabbado seguinte, 30 do corrente.

Se algum acontecimento importante se der entretanto, daremos d'elle noticia aos nossos prezados leitores por meio de supplemento. E, como de costume tambem, as nossas boas festas a todos.

Notas da carteira.—Tem estado incommodado de saude em Lisboa, com um ataque de influenza, o nosso prezadissimo amigo, sr. dr. Barbosa de Magalhães. Do coração desejamos o prompto restabelecimento do nosso querido camarada.

— Está actualmente na sua casa de Sarrazolla o nosso honrado amigo e distincto facultativo em Cuba, sr. Manuel Marques da Costa. O illustre clinico veio passar as festas do Natal com sua virtuosa e veneranda mãe.

— Renovaram-se os incommodos de saude da virtuosa esposa do nosso prezado amigo, sr. Francisco de Rezende, que está desde hontem felizmente melhor. Fazemos sinceros votos pelo prompto restabelecimento de s. ex.ª

— Regressou hontem da capital o nosso dilecto amigo e erudito collaborador, sr. Marques Gomes.

— Parte hoje á noite para Lisboa o nosso estimavel amigo e digno primeiro official do governo civil, o sr. dr. Joaquim de Mello Freitas.

Fallecimento.—Falleceu na sua casa d'Ovar a esposa do nosso antigo amigo, sr. Antonio de Oliveira Pinto. Esposa virtuosa, mãe amantissima, viveu para exemplificar no seu meio, pois que foi sempre exemplarissima esposa e mãe.

Sentindo profundamente o golpe que acaba de ferir o nosso amigo, pedimos ao SENHOR que lhe dê forças para resistir a tão prematuro e inesperado successo.

Costumes da nossa terra.—No proximo numero do *Campeão*, começamos a publicar em folhetim umas apreciaveis cronicas locaes, devidas á penna d'um presado amigo nosso, moço escriptor de bellos dotes de illustração e de talento, experimentado já em escriptos de incontestavel valor critico e de provados merecimentos litterarios.

Damos a noticia como uma boa nova para os nossos leitores, que decerto a receberão com jubilo. Como o titulo o indica, as cronicas versarão sobre casos e costumes da nossa terra, no estylo original de graça e polidez que caracterisa a fina apreciação do nosso illustrado collaborador e amigo.

Eleição provisoria. — No dia 17 do corrente teve logar na sachristia da egreja da Vera-Cruz d'esta cidade a eleição provisoria da irmandade, que ha de servir a confraria do Santissimo Sacramento da mesma freguezia, no proximo anno de 1894. Assistiu á reunião a respectiva direcção da irmandade, bem assim o rev.º parocho da freguezia, tendo tudo corrido na melhor ordem. A lista ficou completa, tanto nos *cargos*, como nos mordomos, havendo ainda pedidos a mais do que os ramos usuaes. A entrega realisa-se no proximo dia 26.

O assassinato de sabbado. — Estão já descobertos os criminosos. São precisamente aquelles que a opinião apontava, um de nome José Faustino Novo e outro Antonio da Rocha Figueiredo, o *Sôna*, ambos naturaes da Gafanha.

O assassinado era um homem forte, robusto em demasia, que, na phrase ligeira da gente da beira-mar, podia bem com 3 ou 4, e de que porisso muitos se arreceavam. Tomado da pinga era temivel, e n'esse dia bebera-lhe bem. Faustino Novo altercava com elle, pelo caminho da Costa Nova para a Gafanha, e um outro companheiro, de nome Villarinho, prevenira o primeiro de que era melhor deixar o Conde sem resposta, a ir contendendo com elle n'aquelle estado de borracheira. Faustino, em vez de agradecer a prevenção prudente, deu uma bofetada no Villarinho, dando-lhe este outra em resposta. O Conde metteu-se de premeio, distribuindo grossa bordoada pelos contendores e chegando tambem ao *Sôna*, que o testimunhou promettendo-lhe ir-se queixar no dia immediato a Ilhavo, concelho a que a Gafanha pertence. Exasperado, o Conde, correu sobre elle, travando-se então a lucta entre os tres, de que resultou aquelle cahir varado pelas facadas do *Sôna* e do Faustino. Os 7 restantes, quizeram dasapartal-os, mas não poderam conseguil-o senão quando o Conde cahia varado pela segunda facada, que foi a que o matou, vibrada pelo *Sôna* com tal ancia que o escoou rapidamente.

As armas assassinas são uma faca de sapateiro, do tamanho d'um palmo pouco mais ou menos, e uma navalha de ponta e mola, um pouco maior do que a primeira. O *Sôna*, porém, diz que o seu golpe foi vibrado com um pequeno canivete, negando absolutamente a existencia da faca em seu poder, o que todos os outros contradizem.

Dos 9 prezos, ficaram apenas estes 2 na cadeia, sendo os restantes dados como testimunhas no processo, que já foi hontem entregue ao poder judicial e postos em liberdade.

Com maior precisão e brevidade, difficil seria a alguem mais investigar e reconstruir o crime.

Cabem porisso os maiores louvores ao digno commissario interino, a quem a opinião tece o elogio merecido.

— A guarda da cadeia foi pela 1 hora da noite de ante-hontem visitada por 3 engaboados que pretendiam *fallar* aos prezos. A sentinella respondeu-lhes que o não podiam fazer, mas os desconhecidos continuaram roudando as immediações, pelo que foi chamada a policia, á vista da qual desappareceram depressa. O sr. dr. Sanches da Gama mandou hontem reforçar a guarda. E' preciso, na verdade, todo o cuidado com tal gente.

Jury commercial. — Teve logar no domingo, na sala do tribunal judicial d'esta comarca, a eleição dos jurados commerciaes, saindo eleitos os seguintes srs.:

Effectivos:—Carlos da Silva Mello Guimarães, Domingos José dos Santos Leite, Antonio Cardozo d'Azevedo e José Maria da Naia.

Substitutos:—Manuel Homem de C. e Christo e José Marques d'Azevedo.

Roubo de joias. — Ha dias o sr. Jacintho Agapito Rebocho, abastado proprietario, residente na rua de Anselmo Braamcamp, d'esta cidade, achou-se roubado em algumas joias, e objectos d'ouro, tudo no valôr de réis 100$000. Procedendo-se a averiguações policiaes, descobriu-se que o auctor do furto fóra o celebre gaiato e gatuno, Fernando da Maia Camarão, que se introdusira furtivamente em casa de aquelle cavalheiro ha mezes, e agora outra vez, sendo filado alli. Já está na cadeia, bem como uma infeliz, de nome Melôa, que vendeu os objectos, sendo todos aprehendidos, menos um annel com pedra.

O gaz. — Ha tempo, que ouvimos queixas contra ao gaz, que se consóme na cidade, pois não dá a luz brilhante que dava no principio da sua installação. Pedimos providencias a quem competir.

Diversão. — A phylarmonica *Amizade* vae ámanhã á tarde ao jardim tocar o seu novo reportorio.

Escassez. — Tem sido pouco proveitosa a pesca na ria, pois o peixe, que tem vindo á praça é sahido exclusivamente das piscinas.

Facto notavel.—Succedeu ha dias em Perrães um caso que tem chamado a attenção dos visinhos e de gente dos logares proximos, ao conhecimento de quem a noticia do caso tem chegado. Uma rapariga do logar poz duas camizas a córar; quando as foi levantar horrorisou-se do que viu, porque o logar occupado por ellas estava completamente como queimado, relva e terreno tudo com o aspecto de que tinha estado lume no logar occupado pelas camizas. A rapariga chamou logo differentes pessoas para verem o successo e todas se retiraram admiradas do que viam e que tanto as surprehendeu. A rapariga chama-se Maria Pereira, é solteira e de comportamento regularissimo. As camizas eram do pae e nada soffreram. O povo attribue o facto a *bruxaria*.

Publicação a pedido. — *Que haverá?* — Sobre a epigraphe do *Facto grave* démos noticia, no nosso numero anterior, de uma atroz barbaridade praticada pelas 7 e meia horas da noute do dia 18 do corrente, n'uma casa da rua da Praça, proximo das Cinco Ruas; isto é, de um espancamento n'uma infeliz octagenaria com a aggravantissima circumstancia de ir *feita* na patifaria uma mulher de má nota que se achava encostada á porta da casa, que tinha fechada, para mais á vontade se consummar a actrocidade. Sabemos que a pobre victima se apresentou, quando a instancias de quem accudiu aos seus gritos, se abrio a porta, com a cara toda contuza e negra, effeito dos máus tratos que lhe infligiram. Sabemos mais que d'este attentado infame se deu parte por escripto ao sr. dr. delegado do procurador régio d'esta commarca. Por que não daria s. ex.ª até hoje providencias? Porque não se faria ainda exame á desventurada mulher? Não percebemos o alcance d'este silencio. Voltaremos ao assumpto se as cousas assim continuarem.

Mais roubalheira. — Teem-se dado mais alguns casos de roubos n'esta cidade.

E' para sentir.—Diz-se que enlouqueceu em Coimbra um estudante do 3.º anno juridico. E' um moço de 17 annos, que foi distincto no 2.º anno, e para não perder a sua classificação se entregava ao estudo exageradamente, d'onde, segundo se affirma, lhe adveio a perturbação das faculdades.

Herança nacional. — Falleceu em Coimbra a ultima freira que existia no convento de Santa Thereza, e que tinha já cerca de 90 annos. O fallecimento d'esta sr.ª leva aos cofres do governo cerca de 40:000$000 reis, em que foram avaliados os haveres do convento.

Tem graça. — Um jornal estrangeiro publicou o seguinte annuncio: «Perdi a 22 do mez corrente a minha mulher Anna. Pede se a quem a tiver achado o favor de a guardar comsigo. Receberá boa gratificação.»

O Partido Progressista

Damos hoje o que nos faltou no nosso numero anterior para completar o extracto do que se passou na imponente reunião do partido progressista, em casa do seu illustre e nobre chefe.

E' dada então a palavra ao sr. dr. José d'Alpoim. O distincto orador não se demora a agradecer á assembléa a brilhantissima manifestação com que o recebeu. Quer ir direito ao seu fim. Abster-se o seu partido de ir á urna: Nunca! Abster-se o partido progressista de ir á urna pelo seu voto: Nunca! Agradece ao acaso o responder ao sr. Oliveiro Monteiro. Não o fará com acrimonia porque tem por esse respeitavel caracter a maior admiração, e tem pelo Porto que elle representa a mais sincera e devotada affeição. Falla todos os dias com essa bella cidade por meio do seu jornal. Tem alli presas algumas das suas mais formosas recordações. Ama, como filho, o Porto, o melhor e mais puro baluarte do partido liberal. Mas não póde deixar de emittir desassombradamente o seu voto. Quer a lucta, a lucta sem treguas, sem descanço, sem transigencias. Quere-a, em nome dos interesses do seu partido, em nome dos interesses da patria, em nome dos interesses das instituições. Relembra o dia solemne da eleição do actual chefe do partido. Foi ha oito annos. Entrára então na politica. Como essa epoca lhe parece já longinqua! Mais assiste ainda ao enthusiasmo de então, vê na sua frente esses feros batalhadores de tantos combates, ouve-lhes a sua palavra cheia de tanto enthusiasmo. O partido atravessava então um dia de amarissima provação. Pranteava-se um chefe querido e era-se assaltado por todas as difficuldades. A bandeira do partido estava coberta de crepes. Entregou-se ao homem honrado que hoje nos está dirigindo e disse-se-lhe: guie-nos no campo da dignidade, guie-nos no caminho da lucta. A bandeira desfraldou-se, a lucta deu-se e pouco tempo depois o governo,que parecia ter tanta vida,baqueava morto. Ninguem n'aquella assembléa fez ouvir uma palavra de abstenção. O mesmo deve succeder agora. O partido deve luctar, porque se o não fizer cairá morto, e morrerá mal quem soube viver tão bem. Deve-se luctar com homens contra homens, por principios contra principios. Por principios, repete-o, porque o seu partido tem ainda uma grande divida para com o paiz, que, circumstancias superiores, impediram que elle satisfizesse na sua ultima administração. Ha muito que fazer na reivindicação das medidas liberaes. E' preciso luctar não pelo impulso d'uma manifestação de hysterismo de momento, mas pela força d'uma ideia nobilissima e justa. Tem de se acabar com a vergonha das amnistias politicas, com os ultrages das dictaduras, tão seguidas e normaes que já para ellas nem se votam os *bills* de indemnidade; tem de se acabar com a vergonha do parlamento ser unicamente uma dependencia servil dos governos. Urge tratar tambem das questões sociaes, que lá fóra tanto agitam a attenção dos poderes publicos e dos povos.

E' esta a missão que o partido progressista tem de cumprir. E deve-o fazer para honrar a memoria do duque de Loulé, o brilhante fidalgo que, se tivesse vivido nos tempos da Revolução Franceza, teria cumprido a missão de um Lafayette, de Anselmo Braamcamp, o liberal sem mancha, tão firme e valente nas suas ideias; como enfermiço e debil no corpo; a do bispo de Vizêu, o rude transmontano, o amigo dedicado do povo e da patria e honrar ainda a direcção de José Luciano de Castro, o estadista immaculado, o amigo dedicado, o homem publico prestigioso, que cada dia acrisola mais o seu fervor pelos principios liberaes. Vae terminar. Apresenta a sua moção que é a seguinte:

1.º Protestar contra a inopportuna e inconstitucional dissolução da parte electiva do parlamento.
2.º responder á provocação que com aquelle acto foi dirigida ao partido progressista, luctando intransigentemente perante a urna pela victoria dos seus candidatos.

José Alpoim.

E lida ella, temina dizendo que nos seus labios não vibrou só a sua palavra, vibrou tambem a sua alma. E' impossivel darmos uma idéa do que foi esta notabillissima e vehemente oração. Conseguiu com ella o sr. dr. José d'Alpoim um d'esses triumphos a que já está costumada a sua palavra ardente e inspirada. Não são as palavras com que procurámos dar uma ideia d'ella, mais do que notas fugazes e fugitivas, que não podem de modo algum descrever o relevo, o ardor, a sinceridade e patriotismo.

E' dada depois a palavra ao sr. Paulo Rodrigues, que fallava em nome dos progressistas do concelho de Obidos. Refere-se ao brilhantissimo discurso de José d'Alpoim, mas não concorda com as idéas apresentadas por tão prestimoso orador. Vota pela abstenção, é essa a sua opinião e manda para a meza uma proposta para que esse assumpto seja votado por escrutinio secreto.

Segue-se o sr. Ribeiro Coelho, que se Refere tambem ao discurso de José d'Alpoim, concorda com elle e entende que o partido tem obrigação de luctar. A abstenção significaria uma fraqueza evidente. Parece-lhe,apesar de novo em edade e na politica, que o paiz está sendo governado com uma especie de absolutismo, que elle condemna e como progressista não acceita.

Ataca violentamente a ideia da abstenção, para honra das tradições gloriosas d'este partido. Querer levantar o paiz pela abstenção é um absurdo. Se querem abster-se, então dissolvam o partido porque tal acto representaria a mais evidente fraqueza, indesculpavel e inacceitavel n'um partido como o nosso. O discurso d'este nosso correligionario, curto mas eloquente, produziu a melhor impressão no auditorio que calorosamente o applaudiu.

Ergue-se o sr. conselheiro:

Eduardo José Coelho entende que se deve chegar a um resultado pratico e por isso vae apresentar algumas ideias com este fim. Fez-lhe grande impressão o voto do sr. dr. Oliveira Monteiro. E parece-lhe que deve haver nas palavras que esse orador pronunciou um sentido occulto. Não póde acreditar que os progressistas do Porto queiram simples e unicamente a abstenção Esta importa sempre em toda a parte uma outra ordem de luctas e de sacrificios a que não quer agora alludir. Calorosos applausos acolhem estas palavras. Continua dizendo que as circumstancias são gravissimas e por isso é que explica a reunião d'este congresso politico, que se deve repetir para provar a vitalidade do partido. A abstenção simples não corresponde a essa gravidade. A attitude do partido progressista nos ultimos quatro annos de cordura e resignação dá-lhe mais direitos para elle agora fazer ouvir o seu protesto. O partido progressista, cioso sempre das suas regalias e tradicções, não duvidou já uma vez, quando viu que a revolução estava no alto, de vir para a rua arvorar alli a bandeira da legalidade. Refere-se aos acontecimentos de 1848 e relembra que mesmo n'essa hora, quando todos os liberaes sabiam das violencias e extorsões com que iam luctar, elles decidiram ir á urna, sendo a crise tão grave que elles, com vergonha o orador lembra, tiveram de pedir ás nações colligadas que estas fizessem ouvir a sua voz e impozessem a sua força para se reprimirem as loucuras dos altos poderes do estado, esquecidos das promessas e garantias da convenção de Gramido. Não receia a lucta. Conta com ella. Conhece bem o que é a hypocrisia governamental. Sabe perfeitamente o que se fez em Villa do Conde e para os interesses partidarios melhor seria que o governo fizesse eguaes violencias em vinte ou trinta circulos. Teria de morrer perante a urna. Ouviu a voz do representante do Porto. Pois é ao Porto que vae buscar um exemplo para o robustecimento das suas ideias. Cita o que valeu a eleição de Saraiva de Carvalho por Lisboa, em pleno governo pessoal e a eleição camararia do Porto em 1878 que precedeu as eleições geraes e que poz as camarilhas de lucto, mas affirmou desde logo a victoria da liberdade. As eleições de deputados em 1878, não foi só, é preciso relembral-o, um triumpho assignalado, foi tambem e primeiro que tudo uma verdadeira revolução feita na urna.

Não o apoveram as violendias, porque ellas são o melhor meio de derrubar as tyrannias. Mas para que a lucta se possa fazer, vae apresentar algumas propostas que lhe parecem praticas. Na provincia ha ainda muita fé viva e todos os dias recebe provas de que assim é. Lê os principios da sua moção justificando-os eloquentemente, um a um, sendo sempre applaudido, especialmente quando se refere á convocação d'uma proxima assembléa geral do partido, indicando a cidade do Porto para séde d'essa reunião, terminando por dizer que é necessario esgotar os meios legaes, para, se continuarmos a ser affrontados, termos auctoridade para protestar por outros meios e podermos dizer ao rei que se tem agentes para nos metter na cadeia, não os tem para suffocar a voz e os impulsos dos nossos deveres patrioticos. O orador ao terminar o seu discurso foi saudado com uma prolongada salva de palmas.

A moção é a seguinte:

A assembléa geral do partido progressista considerando quanto a solidariedade partidaria se impõe n'esta grave conjectura, delibera:

1.º—Que julga seu dever de honra e lealdade partidaria tomar o partido progressista sob a sua protecção todo o funccionario de qualquer cathegoria, que fôr perseguido por motivos politicos ou eleitoraes

2.º—Que se forneçam todos os meios indispensaveis para se instaurar os processos competentes contra os agentes da auctoridade, que por qualquer forma attentarem contra o liberrimo exercicio do direito eleitoral.

3.º—Que a commissão eleitoral que for nomeada pela commissão do partido progressista receberá todas as queixas contra as violencias exercidas nas localidades pelos agentes do governo e quando o julgue necessario reclame dos differentes poderes do estado as providencias necessarias.

4.º—Que a pedido dos candidatos locaes, a commissão executiva nomeará delegados para assistir ás respectivas eleições.

5.º—A assembléa geral do partido progressista manifesta o desejo de que terminado o acto eleitoral e antes da abertura do parlamento, e pelo menos antes d'este se contituir, haja uma nova assembléa geral do partido em Lisboa, ou no Porto, para se tomarem quaesquer deliberações sobre a attitude politica do partido, algumas das quaes seriam agora inopportunas, e outras que só os acontecimentos eleitoraes podem justificar ou tornar indispensaveis.

O delegado á assembléa geral do partido progressista
Eduardo José Coelho.

O sr. dr. José Frederico Laranjo manifesta-se tambem contra a abstenção; que julga incompativel com os creditos e deveres do partido progressista. Entende o orador, que com uma decidida boa vontade, muito ha a fazer, e o partido não pode deixar de cumprir os seus deveres. A abstenção seria o inicio, a continuação e o fim da dissolução do partido. Rejeita-a portanto, não só em seu nome, mas em nome de muitos progressistas. Tem deante de si, além de um governo egoista e uma corôa inexperiente, o paiz que reclama os votos e os esforços sinceros de todos os bons patriotas, que tem de reivindicar os direitos sagrados das instituições. Fé e esperança é o que precisamos, porque o paiz ha-de n'um esforço levantar-se d'este marasmo desgraçado em que nos ultimos annos se tem deixado abater.

Segue com a palvra sobre a ordem o sr. Francisco Beirão. S. ex.ª é acolhido com uma demorada salva de palmas. Agradece commovidamente a manifestação da assembléa.. Não a toma como titulo de vangloria, toma-a como a prova de que tem sempre cumprido o seu dever. E para isso tem-lhe servido o conselho, a direcção do homem que está sentado a seu lado e que o encaminhou na forma de dirigir a minoria progressista da camara que Deus haja. Não sabe para que foi a dissolução. E' um mysterio que ninguem desvenda. Nem elle orador, nem nenhum dos que o tem precedido, nem mesmo esse honrado velho, que é uma gloria do partido progressista e que tão patrioticamente se manifestou. Se attendesse só aos interesses de seu partido, diria: bem aventurada a dissolução que provocou esta reunião, que tanto deve animar o paiz e que é tão preciosa lição ao partido regenerador. Não se preoccupa porém só com esses interesses. Ao principio foi a favor da abstenção.

Queria que o governo se encontrasse só. Hoje não. Entende que é preciso que o paiz se manifeste dizendo se deve continuar o systema dos parlamentos serem serem immolados aos governos ou se estes é que devem ser sacrificados aos parlamentos. Tem que fazer dois pedidos: um ao chefe do partido para que elle se pronuncie sobre o assumpto que se discute. Sabe que hade ser deferido o seu pedido porque esse estadista acceita sempre a responsabilidade da sua posição. Pede ainda á assembléa que discuta largamente, e deixe emittir a opinião de todos os que queiram pronunciar-se mas que a resolução a adoptar seja tomada por unanimidade. Entende que é necessario tomar outras resoluções que definam bem a situação do partido progressista. Mostra como o procedimento d'este foi nobre e patriotico. Indo á camara vio diante de si o grosso das hostes que tanto o tinham insultado e apesar disso esqueceu os seus resentimentos e offereceu-se para cooperar com os seus inimigos na resolução da crise financeira. A resposta a esse procedimento foi a dissolução. A's censuras feitas á contribuição industrial respondeu-se tambem com a dissolução das camaras e a publicação do regulamento d'aquella contribuição.

O partido progressista foi exhautorado e depois fusilado. Antes d'isso porém já o governo fizera a mais condemnavel das ditaduras, promulgando a reforma da policia que representa a sophismação e a expoliação de todas as liberdades. E' preciso a tantos aggravos responder com energia e d'um modo pratico. Por isso apresenta a sua moção:

A assembléa dos delegados dos differentes centros progressistas do paiz affirma a impreterivel necessidade de estabelecer de vez um regimen politico, liberal e democratico, em que, a par da mais austera moralidade e da maxima economia da administração publica — que sempre foram principios fundamentaes do Partido — se assegure ás côrtes a independencia e o prestigio indispensaveis á representação de um povo livre, corrigindo os vicios do nosso systema eleitoral e sobre tudo evitando que o executivo absorva as funcções legislativas por meio de dictaduras e de abusivas delegações de poder, ou que se sobreponha ao parlamento por meio de injustificaveis dissoluções.

O sr. Simões Raposo, vota contra a abstenção, que considera traição e covardia. Traição para o povo, covardia para todos os membros do partido progressista. A lucta é o rejuvenescimento das forças. O orador como representante do centro michaelense, um povo nobre, digno, patriotico e trabalhador, reclama para elle o auxilio do seu partido, reclama a cooperação de todos os progressistas.

Segue-se o sr. dr. Albano de Mello, que se declara apologista das reformas, embora por vezes a experiencia lhe tenha feito vêr a sua inconveniencia. Mas reconhece a necessidade impreterivel, inadiadiavel, da reforma do artigo 74.º da Carta Constitucional. Esta reforma é urgente e justifica-se especialmente pelo ultimo decreto da dissolução das côrtes.

Narra em seguida o que se passou nas ultimas assembléas eleitoraes, em que o governo usou de toda a casta de violencias e extorsões para sahir victorioso da urna.

Condemna a abstenção que é a commodidade e o desafogo mas é tambem a fraqueza e o egoismo. Põe á disposição do chefe do partido a sua candidatura, para que se não diga que condemna a abstenção por querer ser deputado. Sobre a lucta eleitoral reconhece que talvez não seja conveniente luctar no Porto, e ainda em outros circulos, mas ha outros em que o partido póde e deve luctar como lhe cumpre pelas suas tradicções Condemna pois a abstenção e vota pela lucta.

O sr. padre Alfredo Brandão, affirma em nome dos seus amigos de Castello Branco, a sua adhesão incondicional e absoluta a qualquer resolução tomada n'esta assembléa. Deseja que pela energia d'este partido se consiga a restauração da nossa patria, tão abatida e tão precisada de energias e dedicações.

O sr. Libanio Fialho, orgulha-se de estar n'esta reunião presidida pelo honrado chefe do partido que é a melhor força e a maior gloria d'esse partido. Faz suas completamente as palavras do seu amigo sr.dr.José d'Alpoim. A sua palavra é modesta, mas sincera e traduz fielmente a opinião dos seus amigos da provincia. Enthusiasma-o, mas não o surprehende esta vitalidade e esta disciplina do seu partido. A dissolução para elle orador representa a mais insidiosa deslealdade politica; é um repto dirigido ao paiz e ao partido progressista, é a prova da desorientação que reina nas altas regiões do poder, e mais do que isto é um golpe terrivel nas instituições, de que o partido progressista tem sido o mais leal e desinteressado amigo. A dissolução fez-se porque os homens do poder, subidos a elle por uma intriga palaciana e abusando da inexperiencia da corôa, pretendem resuscitar as velhas normas do poder pessoal. Considera-a um crime politico, pelas consequencias que d'ella podem advir para as instituições e a proposito relembra o que se passou em França em 1830. Quer a lucta na imprensa, na urna, e até nas ruas, se fôr preciso para que se saiba que o partido progressista sabe conhecer as suas responsabilidades e cumpril-as com firmeza.

O sr. visconde de Gomiei, em phrase energica reclama a lucta, porque o partido progressista não é uma *associação recreativa, mas um partido de* lucta, um partido de combate. Vota, em nome dos seus correligionarios de g... ha-d... fé nem ... res devere... tem uma ban... rado no seu posto, quanto mai... o perigo.

O sr. Antonio Duarte da Cruz Pinto, manifesta-se tambem contra a idéa da abstenção. Quer a lucta, energica, sem o menor accordo. Um só accordo acceita. A dissolução é um repto a todos os portuguezes e por isso o accordo deve ser feito com todos os que combaterem o governo. Tem fé de que o partido progressista, unido e compacto, ha-de conseguir victoria, porque elle pugna pela liberdade do paiz.

O sr. Arthur Paulo Rodrigues, sustenta novamente as suas theorias de abstenção, mas declara que saberá submetter-se ás decisões da assembléa. Aguarda a opinião do chefe do partido progressista, para cumprir o seu mandato. Está prompto para a lucta. Mas em que condicções? Quem nos garante agora o respeito pelos nossos votos? Nós agora não vamos a uma eleição, vamos a uma guerra civil. Não foge da lucta, não tem receios d'ella, mas sabe que todos os esforços hão-de ser esmagados. Está convencido de que a abstenção absoluta será um perigo para o governo, mas acatará as decisões da assembléa.

O sr. Henrique Pinto, pede a palavra para responder apenas a umas phrases do sr. Albano de Mello, que lhe pareceu querer concluir que os eleitores do seu circulo já estão cançados com duas luctas successivas e dispostos a não entrar em nova eleição. Não é assim. Os eleitores do circulo das Caldas, acatarão as resoluções da assembléa geral e não trepidarão em entrar n'um novo acto eleitoral, se a assembléa assim o resolver.

O sr. Gomes Avellar, em nome do circulo das Caldas, declara que está prompto para a lucta. Na reunião ultima esta mesma ideia manifestou-se realisada n'aquelle concelho porque a abstenção significa fraqueza, receio do combate e tal não deve succeder, porque á frente d'este partido está um homem digno e leal. Vota para que se vá á eleição.

O sr. Carlos Braga, diz que a sua opinião é inteiramente pela lucta. Um partido que n'este momento se reserva na abstenção é um partido morto. Renova o pedido do conselheiro Beirão. E' preciso ouvir a voz do chefe do partido, porque, conhecendo os sentimentos que animam o coração de todos os que assistem a esta assembléa, sabe que elles acatarão respeitosamente e adoptarão como seu o voto d'aquelle prestigioso estadista.

A assembléa applaude phreneticamente, pede á presidencia que falle e ergue-se pela segunda vez o sr. conselheiro José Luciano de Castro, que é saudado por uma calorosa salva de palmas. Será breve. Respondendo ao convite dos srs. Beirão e Carlos Braga, vae emittir a sua opinião. Se não a exprimiu mais cedo é porque queria dar a todos a liberdade de manifestarem o seu voto. Convidado porém pela manifestação da assembléa, dirá que é abertamente pela lucta eleitoral. O partido progressista está bem costumado a revezes, a contrariedades, á lucta. O governo lançou-lhe um repto. Assim o diz a palavra veneranda do sr. João Chrysostomo. O partido que dirige deve-o acceitar. Comprehende a abstenção só quando não restam meios legaes de combate. Mas então a abstenção é apenas o prologo da acção partidaria a que se deve seguir a revolução. D'outra fórma ella não se comprehende, é ridicula. A abstenção deixando o governo desembaraçado e indo cada um tranquillamente para a sua casa, é uma traição. Se porém o governo negar ao partido progressista e lhe tirar os meios legaes da lucta pela urna, então elle só terá um caminho: o da revolução. Mas isto não succede.

O governo ao contrario, d'este modo que quer é accordos. Apesar de assim pensar comprehende perfeitamente a attitude dos progressistas do Porto, para quem não encontra palavras bastantemente expressivas com que possa manifestar-lhe a sua profunda gratidão e a de todo o partido. Exprime em phrases eloquentes essa gratidão *e exalta a linguagem com que o* representante da gloriosa cidade definiu as suas idéias. Já disse que era e preoccupa... dever. Ouvirá a opinião da assembléa e respeital-a-ha porque a obediencia e a disciplina devem começar por elle orador. Muitas vezes, não se envergonha de dizer, tem sujeitado a sua opinião á dos seus amigos. Hoje só um laço o prende á politica: é a gratidão, o reconhecimento que lhe inspira a dedicação dos seus amigos. A sua vida publica podia terminar agora; não succederá assim porque a isso se oppõe a necessidade de pagar uma grande divida de gratidão.

Espera portanto o voto dos seus amigos. Não quer encerrar os trabalhos da assembleia sem fazer uma declaração. Hoje foi lido n'esta reunião um documento em que um venerando velho ensina aos governantes os verdadeiros principios constitucionaes. Que vigor no dizer! que elevação de linguagem! que desassombro de opinião a d'esse honrado estadista,e como affirmação de reconhecimento pede á assembléa que vote por acclamação que na acta se registe o prazer com que essa carta foi lida e seja nomeado presidente honorario da commissão executiva do partido o sr. general João Chrisostomo, propondo-o para honorario porque o estado de saude do velho liberal não lhe permitte uma acção activa e continuada, ainda que lhe ouve sempre o voto auctorisado em todos os assumptos de ponderaçao.Termina aqui este vehemente discurso, que conquistou todo elle repetidos applausos. Poucas vezes a eloquencia do brilhante orador tem annunciado uma grandeza, como a que alcançou n'este momento. A cinceridade com que s. ex.ª affirmou os laços de affecto que o prendem ao seu partido, com quem tem sido sempre d'uma lealdade e dedicação inexcediveis, provocou-lhe a mais enthusiastica ovação a que temos assistido. A assembleia vibrou com profundissima emoção ao ouvir a prestigiosa palavra do seu honrado chefe, que com tanta nobreza comprehende os encargos da sua elevada posição.

Depois foi votada por unanimidade a moção do sr. dr. José de Alpoim; retirada a do sr. Arthur Paulo Rodrigues; votada por unanimidade a do sr. Eduardo José Coelho, com a substituição proposta pelo sr. Beirão de que a futura assembleia geral do partido se realise no Porto; votada por unanimidade a moção do sr. Francisco Beirão, e por ultimo foi lida a moção apresentada pelo sr. Oliveira Monteiro n'estes termos:

« A assembléa geral do partido progressista, reunida em Lisboa no dia 17 do corrente, fazendo inteira justiça ao levantado caracter do seu honrado chefe e a sabia direcção que tem dado ao mesmo partido, resolveu perfilhar as suas ideias, sob o gravissimo facto que determinou esta convocação.»

Por proposta do sr. Gomes de Avellar é exarado na acta um voto de louvor ao sr. Oliveira Monteiro pela sua attitude n'esta reunião.

O sr. José Luciano de Castro agradeceu aos representantes de todos os centros das provincias, a prova de dedicação e disciplina que deram e termina dizendo que ao propôr um voto de louvor a esses centros, diz a todos os seus correligionarios que contem com elle, como elle com elles conta.

E termina erguendo um Viva ao Partido Progressista que foi enthusiasticamente correspondido e seguido de um outro ao sr. conselheiro José Luciano de Castro. E assim terminou esta brilhantissima manifestação partidaria, onde estiveram representados os seguintes concelhos:

Vianna do Castello, Ponte de Lima, Arcos, Ponte da Barca, Valença, Villa Nova de Cerveira, Monsão, Caminha, Valpassos, Alijó, Montalegre, Villa Real, Chaves, Regoa, Mesão Frio, Santa Martha de Penaguião, Loulé, Tavira, Villa Real de Santo Antonio, Castro Marim, Aveiro, Castello de Paiva, Oliveira do Bairro, Macieira de Cambra, Arouca, Ovar, Sever de Vouga, Albergaria a Velha, Anadia, Agueda, Vagos, Estarreja, Mealhada, Ilhavo, Oliveira de Azemeis, Angra do Heroismo (districto), Alvito, Barrancos, Moura, Odemira, Aldeia Nova de S. Bento, Villa Nova de Famalicão, Braga, Povoa de Lanhoso, Vieira, Celorico de Basto, Terras do Bouro, Espo... Castello Rodrigo, Méda, ... la Nova de Fasêa, Guarda, Pinh... Cêa, Horta, (districto), Caldas da Rainha, Leiria, Alvanzere, Cintra, Almada, Seixal, Ponta Delgada (districto), Funchal (districto), Portalegre, Castello de Vide, Gavião, Campo Maior, Elvas, Porto, Bayão, Povoa de Varzim, Maia, Valongo, V... o Conde, Bouças, Penafiel, Santo Thyrso, Marco de Canavezes, Abrantes Chamusca, Villa Nova d'Ourem, Oliveira de Frades, Vouzella, Mira, Cantanhede, Almeida, Trancoso, Aviz, Niza, Souzel, Marvão, Crato, Alemquer, Fornos, d'Algodres, Ancião, Porto de Moz, Batalha, Arcos de Val de Vez, Soure, Paredes, Borba, Belem. Oleiros, Ribeira de Pena, Villa Pouca d'Aguiar, Sabroza, Feira, Vidigueira, e outros.

A CRISE MINISTERIAL

E' do *Commercio de Portugal*, de 20, o excellente artigo que segue:

Não se fallou hontem em outra cousa. Ao principio dizia-se, como noticiámos no nosso ultimo numero, que era só o sr. Bernardino Machado que deixava a pasta das obras publicas, accumulando-a interinamente o sr. ministro do reino; depois espalhou-se que a crise se tinha aggravado e que sahiria tambem o sr. ministro da fazenda; finalmente, que todo o ministerio se demittia, indo o sr. conselheiro Hintze Ribeiro participal-o a El-Rei e receber as suas ordens.

Mas não se dizia só isto, dizia-se mais e muito mais grave, repetindo-se com insistencia esse boato que corre ha mezes, de acceitar a corôa a demissão collectiva do gabinete e chamar outra vez o sr. conselheiro Hintze Ribeiro, para organisar novo ministerio!

E se dizemos que este boato é grave, porque elle denuncia a facilidade com que se acceitam as mais absurdas hypotheses e se consideram possiveis as mais esdruxulas, extravagantes e ousadas combinações, um novo attentado consideraremos nós, se elle, por ventura, se realisar e for confirmado por factos.

Não vae longe a dissolução e o que se passou no conselho d'Estado, quando alli se tratou de tão transcendente assumpto, teve uma tal publicidade, que ninguem o póde ignorar. Sabe-se, pois, que dos nove conselheiros consultados pela corôa em momento tão solemne, só um votou incondicionalmente no sentido de ser approvada a inconstitucional proposta do governo, e, dos oito restantes, quatro declararam, nos termos os mais precisos e os mais claros, que tambem a approvavam, porque lhes parecia que entre a dissolução e a queda do governo, maiores inconvenientes resultariam d'esta do que d'aquella. Foi isto o que se passou, foi isto que se declarou á corôa, foi isto que ficou registado.

A dissolução era julgada como um perigo, mas como d'ella dependia a conservação do governo e a sua queda seria uma verdadeira desgraça nacional, metade do conselho d'Estado conjurou, com uma generosidade e uma coherencia, que hão de passar á historia, essa calamidade publica com o seu esclarecido e sapientissimo voto.

E' certo que El-Rei pensou do mesmo modo pois não obstante ter ouvido com os seus proprios ouvidos aos seus conselheiros que votaram n'aquelle sentido, que a dissolução era absurda, injustificavel, perigosa e impopularissima, concedeu-a. Ora succedendo que 15 dias depois o ministerio cahe, não lhe bastando para lhe garantir a existencia essa dissolução salvadora; confessando elle, com uma cisão interna, que não é de hoje e que já era manifesta e ostensiva quando foi pedir á corôa que dissolvesse o parlamento, que não dispunha de elementos de cohesão e de vigor a assegurarem a sua conservação, e provado que o ministerio se sente esmagado pelas responsabilidades que assumiu de tantos erros commettidos, como é que uma situação assim compromettida, desacreditada e gasta, se ha de manter, conservar e prolongar á frente dos negocios?

18

FOLHETIM

HENRIQUE PEREZ ESCRICH E FRANCISCO DE P. ENTRAAL

MAGDALENA

PRIMEIRA PARTE

REVELAÇÕES DE UM DOIDO

IV

ATILADOS E LOUCOS

Magdalena ouvia do ponto em que estava os gritos dos pobres doidos, e sentia mêdo de entrar sósinha no jardim. Pallida, tremula, consternada,luctando com o desejo de vêr Paulo e com o pavor que lhe causava a soledade, parou; vacillou um momento, volveu em torno um olhar receioso, como se buscára alguem que a auxiliasse, e quando já ia a gritar e a retroceder, avistou um homem que se dirigia para ella, saudando-a cortezmente.

— O sr. de Mendoza — disse elle — ordenou-me que me apresentasse á senhora, para a guiar ao jardim do estabelecimento.

— Agradeço ao sr. de Mendoza esta attenção, tanto mais que estava disposta a retroceder, pelo susto que me causa esta solidão.

— Susto, minha senhora! de que? — objectou o recemchegado — os doidos não offerecem receio algum. Todavia, sempre é bom que nós acompanhemos os visitantes, porque entendemos perfeitamente estes infelizes.

O homem que assim fallava, e que vestia blusa azul, apertada na cintura por uma grossa corrêa, passou adiante, e ora espreitando umas cellas, ora fechando outras, e de quando em quando brincando com as enormes chaves que levava na mão, chegou á extremidade da galeria. Uma vez alli, bateu á porta da parede fronteira, e disse a Magdalena em quanto observava pelo orificio da fechadura:

— Não tenha medo minha senhora; os doidos que ha n'esta sala são pacificos; contentam-se com um charuto ou uma esmola, e hão de curar-se, se Deus quizer, como eu me curei.

Ouvindo isto Magdalena esteve a ponto de dar um grito. Mas a porta, aberta já, indicava-lhe que não era possivel retroceder sem expôr-se. O seu sacrificio era incalculavel. Apenas entrou, os ferrolhos correram-se de novo, e a caridosa senhora, que nada podéra vêr durante os primeiros instantes, porque o susto lhe annuviava completamente a vista, encontrou-se entre uma duzia de alienados que passeando pela estancia como hyenas dentro da jaula, lhe dirigiam olhares lubricos, ora de espanto, e tambem zombeteiros e pertinazes. Estes loucos, velhos pela maior parte, vestiam jaqueta e calças de pano grosseiro, com barretes do mesmo tecido, o que era sem duvida o uniforme do estabelecimento. As frontes chatas e enrugadas, os olhares inquietos e sem brilho, os labios descaidos, os rostos pallidos e o entumecimento especial das faces, revelavam antes a imbecibilidade do que a loucura.

Os seus ademanes (e fallamos no plural porque todos pareciam uniformes nos semblantes e nos gestos), eram lentos, difficultosos e automaticos; os sorrisos frios, as palavras, se o guarda lh'as permittia, breves e incoherentes. O que sabiam bem era tirar o barrete e pedir uma esmola.

Magdalena puxou tremendo por um *porte-monnaie* de velludo, com emblema egual ao da carruagem, e repartiu por elles algumas moedas de prata.

— Retirem-se—ordenou o guarda.

Todos obedeceram, excepto um velho, que se aproximou, dizendo com riso alvar.

— Isto é, eu me retiro, tu te retiras, elle se retira, nós nos retiramos, vós vos retiraes, elles se retiram.

Se não fôra o susto que sentia, Magdalena teria rido.

— Quem é este homem?— perguntou ao guarda.

— E' o sr. Montijano; era mestre-escola, na sua terra, e enlouqueceu estudando a grammatica.

Chegaram á entrada do jardim. A' sombra das arvores estavam alguns outros loucos.

— Estes são pensionistas — replicou o guarda, sem perceber que Magdalena, pensando em Paulo, pouca attenção lhe prestava.

Effectivamente, estes infelizes tinham o previlegio de vestir ao gosto das suas familias, respirar mais puro o ar, disfrutar mais largueza.

Apresentavam extranho aspecto, Este vestia casaco,aquelle jaleco,aquel'otro um uniforme, e alguns havia que tinham o capricho de dividir em tiras as abas do fraque, para não deixarem de uzal-o, tendo ao mesmo tempo a satisfação de andarem mais frescos do que os outros. Todos tinham o rosto pallido; mas assim como o dos primeiros revelava imbecilidade ou idiotismo, o d'estes denunciava demencia. Quando Magdalena appareceu, cada um se entregava á sua mania.

Um d'elles, encostado ao tronco de uma arvore, com a cabeça inclinada e os olhos fechados, murmurava de continuo palavras incoherentes, sustendo ao mesmo tempo entre as mãos a capa de um livro. Tinha sido theologo, conservava ainda a fé. Outro passava o dia inclinado para a terra fazendo um buraco, para o qual olhava constantemente sem proferir uma palavra.

— Este — disse o guarda — é um americano que teima em querer vêr o seu paiz por aquella abertura.

E antes de passarem adiante, o do livro e mais quatro ou cinco rodearam Magdalena. Um d'elles acercou-se, e disse com voz adocicada e quasi imperceptivel:

— Eu sim, mas a senhora não.

E como Magdalena não lhe respondesse, continuou repetindo a mesma phrase, elevando a voz de maneira tal, que o guarda teve de gritar-lhe, agitando ao mesmo tempo os punhos no ar:

— Basta, sr. Meratilla, basta: esta senhora sabe muito bem que as suas unhas são de aço, mas de aço puro, brilhante, impartivel, e as d'ella não.

— E porque é isso?— perguntou o doido fazendo-se rôxo pela forte dilatação que dáva aos pulmões.

— Sim, saibamos porque é — disse Magdalena.

O infeliz doente baixou a voz a ponto de a tornar fina e debil como o zumbido de um mosquito, e respondeu:

—Porque eu sim,mas a senhora não.

E fazendo uma pirueta sobre os calçanhares, saudou comicamente e afastou-se.

— Qual é a sua opinião a respeito d'esta biblia? — perguntou o do livro, mostrando-o a Magdalena.

— Esta senhora tem opinião egual á sua — acudiu logo com rapidez o guarda, lançando ao mesmo tempo sobre o louco um olhar tão terrivel, que o obrigou a retiaar-se amedrontado.

— Este infeliz — explicou elle — obstina-se em affirmar que o livro deixou de ter folhas, porque se lhe metteram na cabeça, e quer que toda a gente lhe leia na fronte os seus pensamentos.

— Passêmos depressa — instou Magdalena.

E anciosa chegou rapidamente ao sitio onde estava Paulo.

O desventurado artista estremeceu quando a viu, mas permaneceu impassivel. Magdalena tomou-lhe as mãos, apertou-lh'as freneticamente, e disse-lhe com voz repassada de dôr:

— Paulo! Paulo! sou eu! sou Magdalena!

— Não conhece pessoa alguma — murmurou o guarda, olhando para Roberts com dureza:

— Bem o vejo — ia exclamar a pobre senhora voltando-se com desesperação para o guarda, quando lhe pareceu sentir a pressão das mãos de Paulo sobre as suas. Guardou silencio.

— Vamos, sr. Paulo — disse o guarda — acompanhe esta senhora, que vem dar-lhe a liberdade.

Paulo levantou-se,encolheu os hombros, e rindo se de um modo insensato, seguiu com indifferença Magdalena. Esta levou-o para fóra do jardim, sem soltar-lhe a mão, atravessou a sala, passou pela galeria, e chegou por fim ao quarto de Mendoza.

— Queira retirar-se — disse ella ao guarda, que a acompanhara até alli.

O homem retirou-se, e ainda não tinha acabado de descer a escada, quando a sineta vibrou annunciando visitantes.

Recebeu-os, e subindo depois, fo dizer ao medico:

Acabam de chegar dois cavalheiros que pretendem fallar ao sr. doutor.

O facultativo,que se dirigia ao seu gabinete com o fim de observar de fóra o infeliz Paulo, deteve-se contrariado.

— Pois bem — disse — se são amigos, que esperem; se são desconhecidos, que se dirijam ao director.

— Desconhecidos não são — replicou o criado — um d'elles é aquelle sujeito que acompanhou o sr. Roberts.

— John Strey!— exclamou Mendoza impallidecendo.

— E o outro ?

— O outro chama-se, segundo me disse, Guilherme Moran.

Mendoza fez um gesto de raiva indiscriptivel. Era difficil e perigosa a sua situação.

Fazer que Paulo voltasse ao seu quarto, ou ao jardim, sem que chegasse a fallar com Magdalena, era expôl-o, no seu entender, a um accesso certo e immediato. Privar Magdalena d'esta entrevista, depois de lh'a ter concedido, era mostrar mêdo, complicidade, ou quando menos, arrancar-lhe as esperanças que tivesse podido conceber. Ao mesmo tempo, não tinha outro remedio senão fallar a Moran. Mas como não presenciar a entrevista de Paulo e Magdalena, quando d'ella podia resultar o esclarecimento de grandes mysterios, até então desconhecidos para elle? O doutor meditou alguns instantes, durante os quaes se lhe reflectiu nas pupillas a contrariedade que o mortificava, e depois de prolongada pausa respondeu:

— Diga a esses senhores que não posso de modo algum abandonar agora as occupações que me prendem, e não os deixe subir. Se instarem em fallar-me, rogue-lhes que esperem, e conduza-os ao quarto do capellão, ou á sala de descanço. Se perguntarem pelo enfermo Roberts, diga-lhes que está peior.

— Nada mais, senhor?

— Nada mais.

O guarda saíu. Mendoza apertou a fronte com ambas as mãos, exprimindo a angustia que o affligia, depois encaminhou-se cautelosamente para o seu gabinete, e ouvindo a voz de Paulo, deteve-se á porta, dominado pela curiosidade.

(Continua.)

...restaurar e fortalecer o ... opposição, já que não soube ou não póde fazel-o no governo. E a confiança da corôa? poderão objectar-nos. Acaso alguem póde impol-a ou retiral-a, quando ella é livre, como claramente preceitua a constituição?

Mas a confiança da corôa, embora livre, [illegible]ma, não póde existir, quando não ex[illegible] base em que ella assente, e não é um ministerio que para não cahir pede uma dissolução e cahe depois; e não é um ministerio accusado com fortes argumentos de ter dado um mau conselho ao Rei, como exactamente agora se está vendo; e não é um ministerio que não só não resolve, mas, pelo contrario, aggrava todas as questões difficeis, que elle tem de decidir; e não é um ministerio, que descontentou toda a gente, e que tem em a nação inteira a mais franca e a mais declarada opposição, que ha de inspirar confiança a quem não póde e não deve affastar-se das indicações da opinião, nem divorciar-se do sentimento unanime do paiz.

O Rei é, com effeito, livre, liberrimo, na escolha dos seus ministros; mas o sabio legislador, quando estabeleceu este principio, não previu, nem podia prever, por ser absurdo, o caso do Rei exercer aquella larga prerogativa, chamando para seu lado e para governar o paiz, ministros que este não acceita, que condemna e que já teria derribado se para elle houvesse a mesma liberdade de acção, que até hoje tem sido garantida ao chefe do Estado para aquella escolha. E exactamente porque a corôa, se acaso reconduzisse o sr. Hintze Ribeiro e alguns dos seus collegas no governo da nação, ficaria exposta a novos reparos e a novas apreciações, não menos severas e não menos perigosas do que as que se fizeram ha pouco, quando ella, tambem no uso liberrimo de um incontestavel direito, dissolveu as camaras, é que nos parece que de má fé andaria quem agora a aconselhasse a praticar mais esse grave erro, que forçosamente teria consequencias muito desagradaveis.

Segundo os costumes da terra, ha de deprehender-se do que temos escripto, que vae no nosso partido grande anciedade pelo poder e que as impaciencias crescem a cada annuncio de crise ministerial, que é como o pão nosso de cada dia; mas quem pensa assim está bem longe da realidade, e faz uma grave injustiça ao homem eminente que com tanta superioridade dirige o honrado partido progressista e que tantas provas tem dado, e as ultimas bem recentes, da mais rara abnegação e do mais acrisolado patriotismo. Elle não ambiciona o poder pelo poder, e este nada tem de atrahente nem de seductor. Pelo contrario, o que se vê e o que se não vê, principalmente o que se não vê, é bastante para esfriar o animo mais resoluto e fazer recuar a intrepidez mais provada.

Os altos problemas de administração que o governo encontrou, estão ahi todos sem resolução e tendo tomado feição mais grave alguns que pediam decisão urgente. A questão da Companhia Real está n'esse caso, e o mesmo se póde dizer das obras do porto de Lisboa.

Nas justas reclamações da Associação Commercial, a proposito da contribuição industrial, o governo tem faltado aos solemnes compromissos que tomará com aquella respeitavel corporação.

A questão bancaria pertuense ahi a vemos addiada indefinidamente, depois de tantas conferencias e tantas promessas feitas.

A crise economica, a crise commercial, a crise agricola, e como sua natural consequencia a crise operaria, todas essas crises ahi as temos aggravando-se em cada hora que passa, sem que o governo pense de lhe dar remedio! Mas peior do que tudo isto que citamos e do muito que haveria ainda a citar, é a questão ingleza, a dos limites de Manica e do *hinterland* de Mashona, ao longo do rio Save.

...s, emfim, que affligem as familias, ...veem e cahem não se sabe d'onde. O que é importante que fique bem sabido é que não se deve cuspir e escarrar a torto e a direito, que todos devemos desconfiar das pessoas que lançam *perdigotos* quando falam, e que devemos conservar sempre a bôcca em perfeto estado de limpeza. Abundam os meios de tal conseguir. Não faltam escovas para limpar e lavar a bôcca depois das refeições, e agua morna em abundancia, assim como acido borico e acido phenico, e certas essencias, taes como hortelã, limão, agua de Colonia, alfazema, cravinho, cannela, arnica, cachu, etc., etc.

As duas primeiras substancias que acabamos de citar são antisepticos que matam microbios formidaveis e inoffensivos por si proprios, as outras são auxiliares agradaveis para purificar e conservar a bôcca em bom estado. Emfim o tabaco, sim o tabaco, é tambem um excellente desinfectante. Portanto, leitor amigo, nunca deve cuspir nem escarrar; mas se tiver de o fazer, ao menos fume, pois d'esse modo o tabaco neutralisará os venenos.

NOTICIAS DIVERSAS

O preço d'alguns generos em Pinhel.—O vinho verde começa a ter gasto alli, vendendo-se 20 litros por 1$000 reis, isto é, a 50 reis o litro. Em varios pontos o preço ainda tem baixado, havendo logares onde o vinho maduro se vende a 15 reis o litro.

A azeitona é boa, e se em alguns pontos ha escassez, compensa a fartura que apparece n'outros, devendo baixar alli consideravelmente talvez o preço do azeite.

Solsticio d'inverno.—Foi no dia 21, que a terra chegou ao solsticio d'inverno, e foi por esse facto o dia mais curto do anno. O sol nasceu em Lisboa ás 7 horas e 17 minutos da manhã e poz-se as 4 horas e 40 minutos da tarde; só brilhou por tanto durante 9 horas e 23 minutos, e esteve abaixo do horisonte 14 horas e 37 minutos; comtudo a illuminação da atmosphera augmentou a duração do dia com a aurora e o crepusculo.

A partir do dia 21, começaram os dias a crescer, mas a differença é apenas de 4 m. até ao ultimo dia do anno.

No momento do solsticio d'inverno, como o sol chega á sua mais forte declinação austral, envia-nos por isso pouca luz e calor; mesmo ao meio dia são as sombras desmedidamente alongadas, e a luz que reflectem os objectos brancos e polidos fazem-nos pensar com saudade nos quentes e brilhantes soes de julho. Em compensação chegámos ao periodo dos esplendidos luares, pois é agora que, do hemisphtreo boreal, o nosso satellite attinge a sua maior altura acima do horisonte.

Modas.—As modistas que em Paris governam os artigos de modas e decretam o que se ha-de usar n'uma ou n'outra estação gastaram mezes para verem se deviam ser os trajos de 1830 os que se adoptassem para agora. Por fim decidiram que fôssem esses os preferidos, e que as saias de sino, as mangas volumosas, as hombreiras exageradas, e os chapeus de feitios phantasticos fôssem os escolhidos para fermarem as elegantes toilletes d'este inverno. Devemos comtudo confessar que se estas modas eram desgraçadas e pouco bonitas, tinham para nós a grande vantagem de nos livrarem das que se usavam durante o primeiro imperio, com as quaes nos ameaçavam de serem usadas n'esta estação. São os vestidos com cinturas excessivamente curtas, tendo as saias tão pouca roda, que deixam ver as formas do corpo. Ha poucos dias porém representa-se em Paris uma peça de Sardou e Morcau que tem feito sensação. Esta peça intitula-se *Madame Sans-gêne* e as scenas são passadas na epoca do imperio. Como as *toilettes* apresentadas pelas primeiras artistas são explendidas, muitas das principaes elegantes parisienses querem imital-as e vêem-se em grande quantidade esses trajos que usavam as damas no começo d'este seculo. Parece pois que este inverno os vestuarios do Imperio serão os mais usados para baile e theatro, não a rigor, mas modificados para o gosto actual, emquanto que as modas de 1830, mais commodas e simples, continuarão em voga para as *toilettes* de passeio e casa. O que de dia para dia se assentúa mais, é a teudencia para alguma cousa de balão. As saias continuam a ser muito cingidas nos quadris, mas afastam em baixo, devido não só ás barras fortes que se collocam nos vestidos entre o tecido e o forro, mas tambem ás saias de baixo, feitas de fazendas consistentes, que dobram com difficuldade, como é o *moiré* de lã e o duraque.

Nos tecidos empregados este inverno nos vestuarios ha uma variedade espantosa, sendo o velludo o que mais se usa, pois é applicado não só compondo o trajo todo, mas como guarnição nos vestidos de lã e nos de seda. Usam-se muito os vestidos *furta cores* e realmente é impossivel ver-se um tecido mais bonito. Os differentes tons que forma ã mais pequena ondulação, as cores ora brilhantes, ora suaves, são d'uma belleza inexcedivel.

As sedas usam-se mais brilhantes do que foscas, e por isso o *moiré* está em voga. Vê-se o *moiré* de largas ondas empregado nas grandes caudas em que produz magnifico effeito, e o de ondas miudas applicado como enfeite nas lãs. Algumas modistas preferem para os vestidos de noivado o *moiré* ou o setim. Temos agora por exemplo, o vestido da princeza D. Thereza, que casou agora com o sr. D. Miguel de Bragança ser de *moiré* ornado a rendas.

Uma doutoura em mathematica.—Foi mademoiselle Dorothea Klumpk, que defendeu em Paris a these para o doutorado em sciencias mathematicas. Foi a primeira mulher que recebeu o grau de doutor n'aquella sciencia. A joven sabia tomou para assumpto da sua these um problema proposto por Maupertins, resolvido por Laplace e que a mathematica Sophia Kowaleska desenvolveu. A um redactor do *Temps*, que perguntou a mademoiselle Klumpk porque preferira para se doutourar as mathematicas respondeu:

«O' senhor, é bem simples. Desde joven que me sinto attrahida para o ceu. Estudei as mathematicas, porque são ellas um meio excellente para estudar o ceu.»

Esta razão, diz um jornal parisiense, desculpa a vaidade do doutorado de mademoiselle Klumpk.

O anarchismo—A explosão do palacio Bourbon—Declarações de Vaillant.—O criminoso, interrogado sobre a fonte d'onde lhe proveiu o dinheiro com que preparou o projectil, respondeu que se dirigira a um anarchista militante possuidor de boa fortuna e lhe dissera:

—Tenciono fazer uma coisa que ha de ser fallada em Pariz; mas para isso preciso dinheiro, incondicionalmente, porque quero operar isoladamente sem dar satisfações a ninguem.

O companheiro em questão, cujo nome Vaillant não quer dizer, entregou-lhe uma nota de cem francos, e Vaillant abandonou immediatamente o trabalho e foi installar-se na rua Daguerre. Em seguida reuniu o material necessario para a composição da sua machina; depois de ter comprado no bazar do Hotel de Ville duas pequenas marmitas de dezenove soldos, apresentou-se em casa de varios vendedores de productos chimicos e, dizendo-se tintureiro, foi comprando ás pequenas porções as substancias necessarias. Por ultimo, comprou tres arrateis de prégos.

Parece que lhe foram precisos quinze dias para a confecção da bomba. O tubo de vidro que devia conter o acido sulfurico deu um trabalhão a Vaillant, que o fabricou sosinho com um vidro cylindrico aquecido á chamma d'uma véla; quebrou quatorze tubos, antes de obter um que lhe servisse.

Finalmente, na sexta-feira á tarde estava prompta a machina e Vaillant sahiu da rua Daguerre no sabbado ás dez e meia da manhã, mettendo a bomba entre a cintura da calça e uma cinta de flanella que lhe dava umas poucas de voltas ao corpo e abotoando completamente o casaco e o sobretudo.

Tomou o tramway de Montrouge á estação de Leste, com correspondencia para tramway Bastilha-Porte-Rapp, que o conduziu até junto da camara.

Entretanto no parlamente, fizeram-lhe deixar o sobretudo na vestiaria, mas pouco o incommodou isso, porque o casaco occultava a bomba.

Vaillant affirma que não queria fugir depois de lançar o projectil; queria, diz elle, visar a bancada dos ministros e, logo depois da explosão, tomar a palavra e explicar o mobil do seu attentado.

Um movimento d'uma senhora que estava adiante d'elle afastou a bomba, que rebentou mais cedo de que elle queria. Vaillant pretende que foi apenas ferida que recebeu e a suffocação produzida pelo fumo que o fizeram sahir, e que se não se denunciou immediatamente como auctor da explosão, foi porque queria vêr o effeito que a bomba produzira em toda aquella gente.

—Deu-me vontade de rir—diz elle—vêr algumas senhoras explicarem aos commissarios de policia que a bomba tinha uma comprida mecha e que a tinham visto accender. Tudo estava doido, a ponto de que algumas senhoras que estavam na tribuna publica passaram umas poucas vezes junto de mim, sem me conhecerem. E depois divertia-me o vêr julgarem-se perdidas pessoas que não tinham senão simples arranhaduras. A mulher d'um deputado, com uma feridinha n'um pulso, dizia para o medico que a pensava: Oh! doutor, que me faz morrer!

Experiencias no bosque de Vincennes.—Os chimicos do laboratorio municipal fizeram no bosque de Vincennes, experiencias com differentes bombas construidas segundo as indicações de Vaillant. Uns poucos de cães foram victimas d'estas experiencias; autopsiados os animaes, constatou-se n'elles lesões interiores, como o figado ou os pulmões dilacerados, etc. Espera-se poder apreciar assim os accidentes que teria produzido a bomba se, como Vaillant desejava, tivesse cahido na bancada dos ministros.

SECÇÃO LITTERARIA

SOMBRAS

PROSAS

DE

A. A. DE LIMA DUQUE

IX

FRAGMENTO D'UM SERMÃO

Pois que a ambição humana é como as fauces do dragão insaciavel para as quaes não havia sangue que fartasse, nem banquete que satisfizesse; pois que a ambição humana é como um tubo rôto nas extremidades para o qual não ha ar que o possa encher nem liquido que elle não supporte; pois que a ambição humana é assim, infinita como o Auctor que a creou e immensa como o espaço: procuremos para satisfazel-a um objecto tambem infinito.

Por isso que as riquezas, a grandeza, o poderío, as victorias, os laureis e tudo o que no mundo existe de magestoso é incapaz, por caduco, de saciar a nossa ambição immorredoura, procuremos para sacial-a um objecto que não caduque.

Mas... oude existe esse objecto peregrino, capaz de satisfazer a nossa ambição, humanamente insaciavel?

Aonde, pergunto eu, e não sei se é um écco da eternidade, se é um brado da consciencia o que me clama ao entendimento que esse objecto unico, imprescindivel, immorredouro, infinito, incaducavel, eterno e archi immenso, é o Santissimo Coração de Jesus Christo, do Verbo feito carne por um mysterio d'amor, morto para resgate de toda a humanidade, ressuscitado para amparo dos corações piedosos.

Quem se aproxima d'esse sacratissimo Objecto, que é tambem Sujeito de toda a graça eterna, ha de sentir desde logo innundar-lhe a alma inteira um jôrro de luz vivissima, prenuncio e alvorada d'esse sol esplendoroso de bençãos e de mercês, que reflecte no coração dos que se lhe avisinham uma como luz da bemaventurança.

Vinde sequiosos de justiça, entrar no tabernaculo d'esse Sacratissimo Coração e ahi achareis abundante manancial da rectidão buscada, que vos saciará a sêde que soffreis: vinde famintos d'alegria, vinde depôr no atrio do vestibulo sagrado d'esse santissimo templo vivo as vossas dôres e desgostos, os vossos males e a vossa cruz; entrae com confiança no amargo divino d'esse bemdicto coração e ahi achareis o jubilo que vos falta e o allivio que supplicaes ao vosso soffrer sem tréguas.

Vinde peccadores, carregados com o pezo das vossas culpas, limadas ao de leve com a espada da contricção e entrae humildemente n'esse sanctuario dos que se arrependem; ahi encontrareis a agua lustral da misericordia que só de Deus emana e n'ella lavareis os erros do passado, que vos emagrecem pezadamente a alma desalentada.

Vinde, emfim, ambiciosos do mundo, que debalde buscaes achar limite aos vossos desejos; vinde todos vós os que, coviçados dos ouropeis da terra, ainda não pudésteis encontrar o fim do vosso anciar, o complemento suspirado da vossa ambição tão desmedida; vinde e penetrae com fé e com humildade nos humbraes já radiosos do Coração de Jesus Christo, e ahi encontrareis essa riqueza que nunca se gasta; essa grandeza que nunca cáe, essa gloria que jámais finda, esses louros que nunca murcham, essa victoria que nunca falha, esse amor que nunca esfria, esse oceano sem medida e sem limite, onde se podem afogar d'um só jacto todas as ambições reunidas dos homens e dos anjos, do mundo e da eternidade!

Não ha dôr que esse Coração não acalme, não ha ferida que elle não sare, nódoa que elle não lave, mal que elle não destrua, agonia que elle não suavise, desalento que não anime, prazer honesto que não santifique, ambição que elle não sacie!

Como a terra sem noite, o mar sem tempestades, o ceu sem nuvens procellosas, a vida sem desgostos, a alma sem inquietações, e a eternidade sem inferno; assim é a existencia ainda n'este mundo do que crê e espera e ama e tem por unico phanal nas trevas do viver o Santissimo Coração do *Agnus Dei* divino.

Eis alli está, senhores, o pallido busto d'esse preciosissimo Objecto, fonte de toda a graça, offerecendo aos que o buscam a bondade de que está cheio.

Para fallar aos grandes da terra, quantos pedidos e baixezas, que de trabalhos importunos e empenhos de valor se não tem de pôr em jogo?!

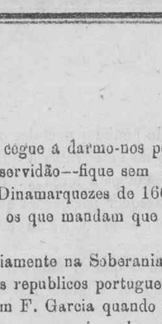
E o que podem dar esses grandes, além d'um fragil bem que breve se quebrará d'encontro á campa do agraciado? Para fallar a Jesus, tão grande que é Maximo na terra e Unico no ceu, nada mais nos é preciso do que um espirito contricto, desligado dos bens mundanos: nem pedidos, nem empenhos, nem importunas exigencias, nem cousa alguma d'estas cousas que a vaidade humana quer.

E o que pode dar-vos o Coração de Jesus Christo, dispenseiro de todas as mercês, senão graças infinitas, enlêvos d'este mundo, passaportes regulares da eterna felicidade?

Que paralello, tão digno de ser meditado profundamente!...

E ainda duvidareis, um instante sequer, consagrar-vos inteiramente a tão piedosa devoção? O vosso coração que me responda...

(*Continua.*)



PARA PROTEGER A EPIDERME CONTRA as influencias perniciosas da atmosphera, para conservar ou dar ao rosto frescura, mocidade e macieza é indispensavel adoptar para a toilete diaria

O CREME SIMON

preparado com glacerina, e a sua acção efficaz e benefica é tão rapida e tão evidente, que não ha ninguem que o use uma vez que não reconheça immediatamente as suas grandes virtudes. J. SIMON, 13, rua Grange-Batelierè, Paris.

ANNUNCIOS

VENDE-SE

UMA grande porção de madeira de eucalipto já servida, e bem assim algumas portas e caixilhos para janella já usados. Quem pretender falle com o mestre d'obras Antonio de Sousa, que está encarregado da venda.

A BOCCA E OS MICROBIOS

D'um jornal parisiense, extractamos o seguinte artigo, que julgamos deveras interessante:

«Vêem-se ha certo tempo, quasi por toda a parte em Paris: no interior dos omnibus e dos americanos, nas salas de espectaculo, nas carruagens dos caminhos de ferro, etc., uns pequenos avisos concebidos nos seguintes termos: *Pede-se o favor de não escarrar.* Se algumas pessoas comprehendem o alcance real e a significação d'aquellas palavras, muitas outras ficam intrigadas e riem-se, sem pensar que em tal recomendação, apparentemente banal, pueril, e até vexatoria, se contém uma das mais absolutas regras de hygiene publica, uma das mais uteis e necessarias precauções preventivas para a saude de todos, como facilmente se pode provar.

Vê se, por exemplo, uma creancinha gorda, branca e rosada; por detraz dos seus labios vermelhos brilha uma dupla fileira de dentinhos eburneos, perfeitamente sãos; o halito é puro, porque esta creança ainda não teve doenças nem vicios; é a imagem da saude e do aceio. Pois bem! esfreguem-se aquelles dentes, na apparencia dos regeneradores e que lhes serviu depois para especularem em seu beneficio contra os progressistas! O honrado Anselmo Braamcamp recebe um tratado perpetuo, e presta ao paiz o assignalado serviço de o reduzir a 12 annos, faz eliminar do mesmo tratado as maiores durezas, e porque assim procedeu e porque corrigiu gravissimos erros dos regeneradores, são os regeneradores que o apontam á execração publica e com elle o partido que se nobilitava apoiando-o! Ora depois d'este facto, que não esquece, depois do famoso supplemento da *Gazeta de Portugal*, na occasião do *ultimatum*, sabendo o partido progressista que ha pendente uma questão d'aquelle vulto, quem póde accreditar n'essas impaciencias que lhe attribuem, n'essas ambições por que o censuram?

Mas que existam ou não ambições e impaciencias, isso não é uma razão para que uma situação, que nem mesmo com o auxilio da dissolução se pode sustentar, renasça com um novo ministerio e se eternise no poder sem apoio no paiz e sem, portanto, poder contar com o da corôa. Se o governo já não dispunha de elementos de vida, se lhe faltava a confiança publica, se para se sustentar no poder, já que não podia sustentar o poder, precisava de uma concessão da Corôa, que tem sido considerado como um acto de favoritismo, se isto era antes da crise que agora se manifesta, como ousa elle novamente appellar agora para segundo favor da mesma corôa, que elle está assim compromettendo e desprestigiando? E como pódem aquelles que zelam o brio das instituições e procuram affastar da pessoa do monarcha suspeitas que empanam o brilho da sua elevada posição, emmudecer e cruzar os braços deante da espectativa de um acto perigoso para a corôa e nefasto para a nação?

Não o faremos nós, apesar de sermos dos mais humildes soldados d'essa grande legião monarchica que vê com assombro e com pavôr o caminho, que tem feito n'estes ultimos tempos os seus declarados inimigos. Não o faremos nos, que nos revoltamos contra a hypothese da reconducção do actual ministerio, por nos parecer mais um erro a aggravar os erros praticados em seu proveito. Não o faremos nós, emfim, porque nos arreceiamos de que o paiz considere esse acto como uma provocação á sua paciencia e um acinte aos seus confessados resentimentos.

Não se illuda ninguem. Este governo já não caminha. Se era fraco antes da dissolução, não foi ella que o tornou mais forte. Ahi está a crise a demonstral-o; e agora, o maior serviço que elle poderia prestar á corôa e ao paiz seria retirar-se. Pouco viverá quem não vir confirmado este asserto.

A BOCCA E OS MICROBIOS

D'um jornal parisiense, extractamos o seguinte artigo, que julgamos deveras interessante:

«Vêem-se ha certo tempo, quasi por toda a parte em Paris: no interior dos omnibus e dos americanos, nas salas de espectaculo, nas carruagens dos caminhos de ferro, etc., uns pequenos avisos concebidos nos seguintes termos: *Pede-se o favor de não escarrar.* Se algumas pessoas comprehendem o alcance real e a significação d'aquellas palavras, muitas outras ficam intrigadas e riem-se, sem pensar que em tal recomendação, apparentemente banal, pueril, e até vexatoria, se contém uma das mais absolutas regras de hygiene publica, uma das mais uteis e necessarias precauções preventivas para a saude de todos, como facilmente se pode provar.

Vê se, por exemplo, uma creancinha gorda, branca e rosada; por detraz dos seus labios vermelhos brilha uma dupla fileira de dentinhos eburneos, perfeitamente sãos; o halito é puro, porque esta creança ainda não teve doenças nem vicios; é a imagem da saude e do aceio. Pois bem! esfreguem-se aquelles dentes, na apparencia dos regeneradores e que lhes serviu depois para especularem em seu beneficio contra os progressistas! O honrado Anselmo Braamcamp recebe um tratado perpetuo, e presta ao paiz o assignalado serviço de o reduzir a 12 annos, faz eliminar do mesmo tratado as maiores durezas, e porque assim procedeu e porque corrigiu gravissimos erros dos regeneradores, são os regeneradores que o apontam á execração publica e com elle o partido que se nobilitava apoiando-o! Ora depois d'este facto, que não esquece, depois do famoso supplemento da *Gazeta de Portugal*, na occasião do *ultimatum*, sabendo o partido progressista que ha pendente uma questão d'aquelle vulto, quem póde accreditar n'essas impaciencias que lhe attribuem, n'essas ambições por que o censuram?

Mas que existam ou não ambições e impaciencias, isso não é uma razão para que uma situação, que nem mesmo com o auxilio da dissolução se pode sustentar, renasça com um novo ministerio e se eternise no poder sem apoio no paiz e sem, portanto, poder contar com o da corôa. Se o governo já não dispunha de elementos de vida, se lhe faltava a confiança publica, se para se sustentar no poder, já que não podia sustentar o poder, precisava de uma concessão da Corôa, que tem sido considerado como um acto de favoritismo, se isto era antes da crise que agora se manifesta, como ousa elle novamente appellar agora para segundo favor da mesma corôa, que elle está assim compromettendo e desprestigiando? E como pódem aquelles que zelam o brio das instituições e procuram affastar da pessoa do monarcha suspeitas que empanam o brilho da sua elevada posição, emmudecer e cruzar os braços deante da espectativa de um acto perigoso para a corôa e nefasto para a nação?

Não o faremos nós, apesar de sermos dos mais humildes soldados d'essa grande legião monarchica que vê com assombro e com pavôr o caminho, que tem feito n'estes ultimos tempos os seus declarados inimigos. Não o faremos nos, que nos revoltamos contra a hypothese da reconducção do actual ministerio, por nos parecer mais um erro a aggravar os erros praticados em seu proveito. Não o faremos nós, emfim, porque nos arreceiamos de que o paiz considere esse acto como uma provocação á sua paciencia e um acinte aos seus confessados resentimentos.

Não se illuda ninguem. Este governo já não caminha. Se era fraco antes da dissolução, não foi ella que o tornou mais forte. Ahi está a crise a demonstral-o; e agora, o maior serviço que elle poderia prestar á corôa e ao paiz seria retirar-se. Pouco viverá quem não vir confirmado este asserto.

peuple, embora em 24 de agosto de 1872 um rei da janella do seu paço descarregue furioso o seu arcabuz sobre o povo bradando—*Les Dieux ont soif*, 1793 chegará em que tambem uma nação descarregando o seu arcabuz bradará, *Le Peuple á soif*—quem com ferro mata, com ferro morre; systema de compensações, porque os partidos *vivem debaixo da lei de Talião*.

Não tememos pela liberdade, esta, ou aquella nuvem poderá por momentos toldar o seu horisonte, mas ella renascerá sem nuvens, sem receio de perigo: a campa da tyrannia a tornará viçoza, qual cypreste que mais reverdece junto á louza do finado.

Tumultuem-se as paixões; desencadeem-se as ambições, multipliquem-se as baixezas, especulem-se as traições, recrescam as apostasias no meio d'estes montões de ruinas a liberdade ficará em pé como a arvore da planicie de Gomorrha.

Escreveu Walpole, e com razão que as apostasias não damnam a causa da liberdade, antes melhor a servem. Wentwort na camara dos communs foi temeroso a Carlos 1.º quando conde Stanford, e ministro, não foi temeroso á liberdade: antes ficou d'exemplo aos renegados, e n'elle como columna eterna se escreveu em letras de sangue este avizo terrivel.

«*Nolite confidere in Prineipibus, in quibus non est salus.*»

Os tyrannos em suas afflições, para salvar suas cabeças atiram com as dos validos ao cadafalso, e fazem bem! Porque vida consumida em crimes, deve terminar na forca: mas não salvam as suas, acertadamente dizia Tauchet de Nantes de Blacas—*Rei que se aconselhar com taes ministros perdem dez corôas, se as tiverem*, e não mentistes Tauchet! A historia confirma o teu dito.—Vamos a isso.

Entre os antigos encontramos aquelle monarcha cego vagueando por a Grecia, encostado ao seu Antigone; Theséo, ...ior defensor de Athenas, proscripto por o povo, e morto á Scyros: Orestes acompanhado no seu desterro por um só amigo: Idomnéo expulso de Creta: Demarate rei de Sparta procurando um abrigo em a corte de Dario, seguindo Xerxes na expedição contra os Gregos, e tendo a vileza de instruir de tudo quanto se passava no exercito de Xerxes os mesmos Gregos; Hippias, rei de Atenas morto em a batalha de Marathon, para reaver a sua corôa: Pausanias, rei de Sparta condemnado a morrer de fome no templo de Minerva: Denys de Syracusa, esmolando ora em Athenas, ora coberto de trapos mendigando nas ruas, e portas das tavernas de Corintho um pouco de vinho e algum pedaço de carne, já mestre de meninos nos arrabaldes de Coryntho, já bobo nas praças publicas, e acabando a sua vida socio de uma companhia de comicos ambulantes, que percorriam a Grecia—o monarcha de Syracusa, tocava o pandeiro, dava camballhotas, e estendia a mão, para receber a paga da sua baixeza!!! O Cynico Diogenes encontrando-o-lhe disse «não merecias uma igual sorte» tu me lamentas lhe perguntou o ex-monarcha, «engana-te, lhe redarguiu com ferosa o philosopho, não te lamento escravo, irrito-me de te ver n'esta cidade, aonde te dão ainda algum bocado de pão.»

Dario rei da Persia, fugindo só, abandonado por todos, e a final assassinado: Agis, rei de Sparta preso, e enforcado por ordem dos Ephoros, partilhando igual sorte sua mãe, e avô: Cleomene, seu successor, expulso de Sparta, crucificado no Egypto, onde se tinha refugiado: Antiocho Hierax expirando nos calabouços de Ptolomêu: Mithridate procurando em vão um asylo na corte de Tigrane, seu genro, e reduzido a envenenar se: Tarquinio expulço de Roma, e tentando em vão sublevar a Halia a seu favor: um sem numero de imperadores dos dois imperios que fora muito longo numeral-os.

Entre os modernos temos na Africa Gelimer, expulço do throno dos vandalos, cultivando nas margens do Bosphoro um campo devido á generosidade de Justiniano: Calo Pedro, e seu irmão Azan, fundadores do segundo reino dos Bulgaros mortos assasinados: Lamberg primeiro principe fugitivo da Europa moderna: Pedro de Medicis, que sem a ajuda de Phelipe de Commines de certo não houvera achado asylo em Venesa: o imperador Henrique 4.º fugindo adiante de seu filho, e morrendo a Liege: O conde de Flandres bannido por Artavelle: Carlos 5.º de França deposto por algum tempo ...osm os feixes das varas! De algum cégo, surdo, mutilado, e mudo! De chapéus emplumados! O que esperas! Espreitarás ainda o tropear do fogoso corçel, os *piefés* do cavallo bizarramente arreado, com o inseparavel penacho pendente da barbella! Para quando guardas aquelle estrondoso grito de vingança que faz empalidecer os Decemviros! Já te esqueces que os Coriolanos estremecem quando sahem de Roma, proscriptos pelo tribuno do povo!

Não te castres, nação, tua liberdade é mais antiga que o throno, fostes republica antes do Reino.

Deixa o baculo, e a batina vermelha, veste a toga, e empunha a lança: em quanto o não fizeres, não cantes: chora antes, como Jeremias, a ruina da Sion.

Quizeramos que o fel das nossas palavras se convertesse nos deliciosos favos das roseiras de Jerichó: que a nossa voz, não fosse a dos Apostolos prégando no dezerto.

Não balances: *Annibal ad portas!*

Antigamente havia em Roma, lemos em Tacito, uma lei que especificava os crimes de estado, e leza magestade: estes crimes durante a republica foram quatro—abandonar o exercito em paiz inimigo—excitar sedições — má administração dos negocios, e dinheiros publicos—insultar a majestade do povo Romano. Vejamos agora o que fizeram os tyrannos; escuta povo! nós te vamos apresentar um esboço do que é a tyrannia.

Vieram os imperadores, e acrescentando á lei dos republicos, alguns artigos *addicionaes*, cidadãos, e cidades inteiras foram involvidos na proscripção: Augusto foi o primeiro a incluir em crime de lesa magestade, os escriptos que lhes desagradavam: bem depressa as adições a esta lei, não tiveram limites, por que quando governam os tyrannos é crime, a alegria, a tristeza, a compaixão, o suspirar, e mesmo o silencio! Duvidas povo! Le, e dize-nos se te enganamos.

Foi crime de leza magestade, o erigir a cidade de Nursia um monumento aos Nursianos mortos no cerco de Modena: crime de lesa magestade foi tambem a Libon Drusio fazendo tirar a *buona dicha* proguntar se um dia seria rico.

Entretanto no parlamente, fizeram-se indifferença nos cegue a darmo-nos por nossas proprias mãos nossa carta de servidão—fique sem imitadores esse inaudito servilismo dos Dinamarquezes de 1660.

Attentem os que mandam que não arremeçamos votos indiscretos.

Cremos piamente na Soberania popular, cremos no *Nos liberi sumus* dos republicos portuguezes de Almacave.

Cremos em F. Garcia quando dizia a Sancho 2.º estamos promptos, eu, e os mais senhores de Trancozo a reconhecer-vos com tal preito, que largueis vosso primeiro ministro Martim Gil, que tem muito mal regido nossa terra.

Cremos na intimativa dos conselheiros de Affonso 4.º, nas palavras do prior do Crato, e nas de João 4.º

Cremos no grande, e bom sizo do povo, na impossibilidade de enganar uma nação inteira.

Cremos que a liberdade é antiga, e o despotismo moderno, aos incredulos lhes diremos que as dietas em Allemanha, Suecia, e Dinamarca, os parlamentos em Inglaterra, as cortes na Espanha, os corpos intermidiarios na Italia, provaram sim que os povos do norte trouxeram comsigo instituições que limitavam o poder a certa classe, mas em nada favoreciam o despotismo.

Cremos que é tyranica toda a tentativa para derribar a base fundamental do direito publico de adoptarem os povos o Pacto Social que mais lhes convenha (Procl. de D. Pedro 1.º Imp. do Brazil.)

Cremos que a força armada não é a nação (Carta de D. Pedro Imp. do B. a seu pai.)

Cremos que a violação flagrante da constitaição de 38, obra da nação, *jurada por a Rainha trazem com a instabilidade da lei fundamental o mais imminente risco ao throno*: á libordade não, que essa adormece sim, mas não morre!

Cremos que essa revolução-restauração não provocada, quaesquer que sejam as illusões dos que a promoveram, trará apoz si, sem remedio uma nova serie de reações.

Não cremos no ditado—Palavra de Rei não volta atraz.

Rainha da nação Portugueza... jámais accederei ás

PADARIA MILITAR DE LISBOA

O CONSELHO gerente da dita padaria faz publico que abre praça na sua secretaria no dia 9 de janeiro proximo futuro, pelas 11 horas da manhã, para a compra de aveia, cevada, fava e milho para consumo dos solipedes fornecidos pelos corpos, suas fracções. e estabelecimentos militares, constantes do mappa abaixo transcripto, onde vae designado para cada um d'elles, o numero de kilogrammas de genero que se pretende adquirir.

Corpos, fracções e estabelecimentos militares	Marcas das amostras	Generos a arrematar			
		Aveia — Kilos	Cevada — Kilos	Fava — Kilos	Milho — Kilos
Succursal da padaria militar em Elvas	F	13.000	42.000	17.000	17.000
« « « « no Porto	B		104.000	43.000	39.000
« « « « em Tancos	L		12.000	5.000	4.000
Escola pratica de cavallaria em Villa Viçosa	N	5.000	17.000	7.000	7.000
Brigada d'artilheria de montanha em Vianna do Castello	K		9.000	4.000	4.000
Regimento d'artilheria n.º 2 em Torres Novas	D		39.000	13.000	13.000
Grupo de bateria d'artilheria n.º 2 em Amarante	P		30.000	10.000	10.000
Regimento d'artilheria n.º 3 em Santarem	E		74.000	25.000	25.000
« de cavallaria n.º 3 em Extremoz	G	12.000	44.000	18.000	18.000
« « « « 5 em Evora	H	8.000	25.000	10.000	10.000
« « « « 6 em Chaves	R		13.000	4.000	23.000
« « « « 8 em Castello Branco	Q		17.000	5.000	20.000
« « « « 9 em Alcobaça	I		39.000	13.000	13.000
« « « « 10 em Aveiro	C		4.000	2.000	2.000
Escola pratica d'infanteria em Mafra	O	Rações de grão compostas de 2,49 de cevada—0,k 83 de fava—0,k 83 de milho precisas para consumo de 1 de fev.º a 30 de setembro de 1894.			
Regimento d'infanteria n.º 14 em Vizeu	J				

Vinte e quatro horas antes de se abrir a praça serão apresentadas na secretaria do conselho as amostras dos generos que os concorrentes pretendem vender, cada uma com o pezo aproximado de tres kilogrammas, todas marcadas com a letra alphabetica, indicativa da localidade para onde os generos são destinados.

As condições da arrematação estão patentes na secretaria do conselho gerente e nas dos referidos corpos, fracções e estabelecimentos militares.

Secretaria do conselho gerente da Padaria Militar de Lisboa, em 17 de dezembro de 1893.

O secretario.

Pedro Eusebio d'Oliveira.

Aspirante da administração militar.

COMPANHIA GERAL
DE
CREDITO PREDIAL PORTUGUEZ

SÃO prevenidos os possuidores de Obrigações Prediaes, Municipaes e Districtaes de 6, 5, 4 1|2 e 4 0|0 d'esta Companhia, tanto nominativas como ao portador, residentes nas localidades abaixo mencionadas, em cuja séde queiram receber juros dos mesmos titulos, relativos ao 1.º de janeiro proximo futuro, de que devem declaral-o até ao dia 31 de dezembro, aos agentes d'esta Companhia, nas respectivas localidades.

Lisboa, 12 de dezembro de 1893.

O guarda-livros da Companhia,
José Joaquim de Mendonça.

Localidades	Agentes
Beja	Francisco de Paula Soares.
Braga	Antonio Brandão Pereira.
Coimbra	Francisco Maria de Sousa Nazareth.
Santarem	Raphael Augusto de Sá Nogueira.
Madeira	Candido Henriques de Freitas.
S. Miguel	Antonio José Machado.
Villa Real	Antonio Gerardo Monteiro.
Aveiro	Manuel Ferreira Pinto de Sousa.
Bragança	João Antonio Pires Villar.
Castello Branco	José Guilherme Morão.
Leiria	Barão do Salgueiro.
Vianna do Castello	Dr. J. A. da Camara Leme.
Vizeu	Silverio Augusto de Abranches Coelho e Moura.
Portalegre	Antonio Bernardo Xavier Tavares.
Faro	Antonio Pereira de Mattos.
Guarda	Francisco Antonio Patricio.
Thomor	José d'Almeida Xavier.
Setubal	José Manuel da Silva Rosa.
Torres Novas	João Radrigues de Faria.
Figueira da Foz	J. A. dos Santos Féra.
Angra	Luiz Francisco Meyrelles do Canto e Castro.

CAMBISTA TESTA
78, RUA DO ARSENAL, 78

ESTA casa é a que offerece as melhores vantagens em todas as operações de cambio e loterias. Esta casa é a unica que vende os bilhetes da loteria portugueza a 5$000, meios bilhetes a 2$500 e decimos a 500 réis. Basta addicionar ao pedido o porte do correio e dirigir ao cambista José R. Testa.—LISBOA.

PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING
PÓS DE KEATING

MATAM

PULGAS
PERCEVEJOS
BARATAS
TRAÇAS
MOSCAS
FORMIGAS

ABSOLUTAMENTE *inoffensivos para os animaes domesticos*, são infalliveis na destruição de parasitas e insectos nas suas differentes phases. Em resultado da grande venda que teem estes pós em todo o mundo, numerosas imitações apparecem á venda e que são ineficazes. Exija o publico que as latas tenham a assignatura do inventor *Thomas Keating*, e embrulhadas em papel verde. *Agencia e venda só por grosso, rua dos Fanqueiros, 114, 1.º andar—Lisboa;* venda por grosso na Pharmacia Barral em Lisboa e em todas as principaes pharmacias e drogarias do reino.

Pós de Keating.
Pós de Keating.
Pos de Keating.

AGENCIA DE NEGOCIOS FORENSES
NO PORTO

ANTONIO DA SIVLA CARVALHO, sollicitador encartado e com bastante pratica de negocios forenses encarrega-se de tratar negocios, ou seja nos tribunaes commercial, civis, ou na Relação, sendo a tabella dos seus serviços a mais commoda possivel.

Quem precisar do seu prestimo póde dirigir-se-lhe pelo correio para a rua de Santa Catharina, n.º 261, onde tem o seu escriptorio.

VENDE-SE

UMA morada de casas sitas no largo do Cojo, pegadas á Caixa Economica. Quem pretender, falle com seu dono, morador na dita casa.

ARRENDA-SE

UMA excellente casa á esquina da rua da Praça. Quem a pretender falle no talho de Francisco Ferreira.

As pessoas que conhecem as PILULAS DO DOUTOR **DEHAUT** DE PARIS *não hesitam em purgar-se quando precisão. Não receiam fastio nem fadiga, porque ao contrario dos outros purgativos, este só obra bem quando é tomado com bons alimentos e bebidas fortificantes, como Vinho, Café, Chá. Quem se purga com estas pilulas póde escolher para tomal-as, a hora e refeição que mais che convier conforme suas occupações. A fadiga do purgativo sendo annullada pelo effeito da bra alimentação, si se decide facilmente a recomeçar tantas vezes quanto for necessario.* 5 fr. e 2 fr. 50

Auctorisado pelo Tribunal do Contencioso technico na sessão de 27 de junho de 1893.

VINHA AMERICANA

JOSÉ CHARTERS D'AZEVEDO, de Leiria, vende raizados e bacellos de Riparias, Resperteis e Solonis, por preços rasoaveis.

ADVOGADO

DR. MANUEL FRANCISCO TEIXEIRA

Rua da Vera-Cruz
AVEIRO

CREADA DE DENTRO

Precisa-se de uma creada para todo o serviço de dentro, incluindo o tratamento de creanças. Prefere-se a que tiver melhores abonações.

N'esta redacção se diz.

CONTRA O MILDI
ENXOFRE ESTA

Instrucções e attestados gratis—C.ª portugueza HYGIENE—Praça de D. Pedro, 50, Lisboa

FABRICA DE PRODUCTOS CHIMICOS
E
PHARMACEUTICOS
RUA 24 DE JULHO, 382,—LISBOA
A. DA CUNHA & BASTOS

N'ESTA fabrica preparam-se já os seguintes artigos que vimos recommendar ao publico:

ALGODÃO hydrophilo, borico, hemostatico, dito ao (frasco de 100 grammas), iodo formado, phenico, salicilado, com sublimado, com thymol.—BRILLANTINE.—CARVÃO vegetal lavado, pó, dito frasco de cap. de 250 grammas, dito vegetal granulado, dito frasco de 250 grammas.—CONFEITOS de aloes, brometo de camphora, chloreto de ferro, copahiba, cubebas, ergotino 0,1—lactato de ferro, sulphato de quinino 0,2—EMULSÃO de oleo de figados de bacalhau com hyposphosphitos.—Grangêa de semen-contra.—Grãos de Saude, f. de Frank.—GRANULOS antimonio ferruginosos, arseniato de antimonio, arseniato de ferro, arseniato de soda, arseniato de strychinina, granulos strophantus.—YRRIGADOR d'Esmarck.—PILULAS Blaud, Blancard, Wallet, ditas de Wallet prateadas.—PASTILHAS comprimidas em frascos como as inglezas com tampa de metal, em caixas de 12 frascos; de antipyrina 0,25, de bi-carbonato de soda, de bi-carbonato e cocaina, de bi-carbonato e saccharina, de chlorato de potassa, de chlorato de potassa e borax, de carvão e iodol, de carvão e salol, de carvão e naphtal, de casca sagrada: de coca, de coca e kóla, de Guaraud, de jalapa composta, de menthol, de sublimado corrosivo, de carvão (f. Belloc (caixa), de chocolate com santonina, de chocolate com santonina e calomelanos. RHUBARBO granulado (f. Mentel). RHUM E QUINA em frascos do formato Roger e gallet, dito em caixa de 12 frascos. SINAPISMOS caixa de 10 e de 100. (Pode imprimir-se o nome do comprador sem augmento de preço conforme a quantidade).—SEDLITZ granulado kilo, dito em frascos de 250 grammas, formato Chanteaud. VELOUTINE branca ou rosa, caixas modelo Coudray.

Estes preparados recommendam-se pelos bons resultados obtidos, barateza e descontos.

Os annunciantes não tendo a menor duvida da qualidade d'elles, remettem amostras a quem as requisitar para a RUA 24 DE JULHO, 382, LISBOA.

EXTRACTO COMPOSTO DE SALSAPARRILHA DE AYER—Para purificar o sangue, limpar o corpo, e cura radical das escrophulas.

PEITORAL DE CEREJA DE AYER—O remedio mais seguro que ha para cura da tosse, bronchite, asthma e tuberculos pulmonares.

O REMEDIO DE AYER CONTRA SEZÕES—Febres intermitentes e biliosas

VIGOR DO CABELLO DE AYER—Impede que o cabello se torne branco e restaura ao cabello grisalho a sua vitalidade e formosura.

Todos os remedios que ficam indicados são altamente concentrados de maneira que sahem baratos, porque um vidro dura muito tempo.

PILULAS CATHARTICAS DE AYER.—O melhor purgativo suave e inteiramente vegetal.

PERFEITO DESINFECTANTE E PURIFICANTE DE JEYÉS, para desinfectar casas e latrinas, tambem é excellente para tirar gordura ou nodoas de roupa, limpar metaes e curar feridas.

Vende-se em todas as principaes pharmacias e drogarias.—Preço 240 réis.

ACIDO PHOSPHATO DE HORSFORD

Faz uma bebida deliciosa addicionando-lhe apenas agua e assucar; é um excellente substituto de limão e baratissimo, porque um frasco dura muito tempo. Tambem é muito util no tratamento de Indigestão, Nervoso, Dyspepsia e dôr de cabeça. Preço por frasco 700 réis, e por duzia tem abatimento.—Os representantes srs. JAMES CASSELS & C.ª, rua do Mousinho da Silveira,—Porto, dão as formulas aos srs. Facultativos que as requisitarem.

PREGOS D'ARAME
GRANDES DESCONTOS
PARA REVENDER

ENVIA-SE TABELLAS A QUEM AS REQUISITAR

COMPANHIA VICTORIA
Rua das Janellas Verdes
LISBOA

DIRECTOR TECHNICO—E. ESTACIO

COMPANHIA PORTUGUEZA HYGIENE
FABRICA A VAPOR DE PRODUCTOS CHIMICOS E PHARMACEUTICOS
CAMPO PEQUENO

ESCRIPTORIO PRAÇA DE D. PEDRO, 59, 1.º
PHARMACIA » » » » 60 a 63

Deposito—RUA DO PRINCIPE, 92 A 100
LISBOA

Esta companhia é a **unica** no paiz que fabrica em grande escala es por processos, machinas e apparelhos os mais modernos e aperfeiçoados, grande numero de *preparações e especialidades chimico-pharmaceuticas* em perfeição de acabamento egual ou superior ás simulares d'origem estrangeira, sendo porém as de seu fabrico *garantidas* pela companhia, nos seus componente, tanto em quantidades, como em qualidades e por preços *excessivamente menores.*

Além d'isso a companhia negoceia em todos os artigos que interessam ás classes de *medicina, cirurgia, pharmacia, e chimica*, taes como objectos de cautchouc, apparelhos de laboratorio, etc., sendo pela sua dupla qualidade de fabricante e commerciante em grande escala, a casa *fornecedora mais conveniente e completa de pharmacias, hospitaes, laboratorios chimicos, etc., etc.*

Fornecem-se catalogos e informações a quem as requisite

UNICO DEPOSITO
DE
FUNDAS NACIONAES E ESTRANGEIRAS
DE
ANTONIO TEIXEIRA DA MOTTA
RUA DE D. PEDRO, 87
PORTO

GRANDE sortimento de todas as classes de **fundas** dos melhores systemas conhecidos, fazendo-se por medida para todas as roturas, cujas necessidades só assim pódem ficar garantidas. Tambem se fazem **fundas** para creanças, curando-se todas, sem ser por milagre, mas só com o uso das **fundas** d'esta casa e o competente exercicio physico. N'este estabelecimento encontra-se um grande sortimento de **cintos umbelicaese-mechanicos,** assim como **meias elasticas, suspensorios escrotais,** etc., etc.

No mesmo estabelecimento faz-se toda a qualidade **d'apparelhos orthopedicos** para todas as deformidades que aparecem no corpo humano e que seja compativel a sua applicação. O systema porque são executados estes **apparelhos e fundas** é bem conhecido dos **ex.mos medicos portuguezes** e de muitos estrangeiros, que os recommendam aos seus pacientes com a maxima confiança.

E como não ha de ser assim, pois que se a digna classe **medica portugueza** viu pela primeira vez fabricados em Portugal, **apparelhos** e **fundas** com perfeição, e satisfazendo aos que soffrem conforme as suas necessidades, devem-n'o unicamente só a mim, sendo o primeiro que ha 32 annos introduzi no paiz o ramo **orthopedista,** fazendo-o sempre acompanhar de todos os melhoramentos e descobertas que tenho feito á custa d'um aturado estudo, e segundo as necessidades que se tem apresentado. N'este ponto nada tenho que receiar, nem invejar dos estrangeiros.

Previno, por isso, os dignos **facultativos** e os meus numerosissimos freguezes para que não confundam o meu estabelecimento com outros de egual genero que ha na mesma rua e cujos proprietarios foram meus officiaes.

Antonio Teixeira da Motta.

FILTRO CHAMBERLAND
SYSTEMA PASTEUR

O unico filtro industrial capaz de se oppôr efficazmente á transmissão das doenças pelas aguas destinadas á alimentação. Unico filtro adoptado mediante concurso para o serviço do exercito francez.

—(*)—

ACADEMIA DAS SCIENCIAS

PREMIO MONTLOION

SEIS MEDALHAS DE HONRA

EXPOSIÇAO UNIVERSAL DE PARIS DE 1890

UNICA MEDALHA DE OURO

Concedida pela classe de hygiene, conforme consta do catalogo officiai das recompensas—Classe 64, pagina 4:794

Deposito especial para Portugal, Rua Nova do Almada, 79—Lisboa.

NOTA—Remettem-se catalogos illustrados com os diversos typos de filtros e preços dos mesmos a quem os requisitar.

LIVRARIA
DE
MELLO GUIMARÃES
AVEIRO

OLIVEIRA MARTINS — A vida de Nun'Alvares. 1 vol. de perto de 500 pag. em formato 8.º, adornado com 35 desenhos de Casanova. Preços: brochado, 2:000 réis; cartonado, 2:400 réis; encadernado em vitella de percalino, com ferros e gravuras especiaes a preto e ouro e folhas douradas, 3:200 réis.

PINHEIRO CHAGAS — Migalhas de historia portugueza. 1 vol. brochado, 200 rs; cartonado, 300 réis.

ALVES MENDES—O Trabalhador immortal (discurso). 1 vol. 400 réis.

Calendarios para 1894—preços diversos.

LECCIONISTA

JOÃO Maria Pereira Campos Junior, reabriu as suas aulas de instrucção primaria, portuguez e francez, bem como um curso de habilitação para os exames dos candidatos ao magisterio primario.

Todos os alumnos leccionados pelo annunciante obtiveram approvação nas referidas disciplinas.

Admitte alguns alumnos internos de idade até 12 annos.

Morada—Bairro Novo do Rocio—Aveiro.

CANCIONEIRO DE MUSICAS POPULARES
PARA PIANO E CANTO
por
Cesar das Neves e Gualdino de Campos

ummario do 1.º fasciculo:—«As melodias portuguezas,» prologo por Theophilo Braga; «O lavrador da arada,» lenda religiosa; «Canção do figueiral,» trobadoresca, com uma traducção por Anthero do Quental; «Cauna verde,» chula de Braga; «Então és o meu amor,» descante de Amarante; «Oh que saleiro!» choreographica de Penacova.

Preço do fasciculo de 16 paginas, para os assignantes, 200 réis; avulso 400 réis.

Empreza editora Cesar, Campos & C.ª rua da Fabrica, 80, Porto.

A' venda em todas as livrarias e armazens de musica.

DIRECTOR E RESPONSAVEL—*M. F.*

Typographia Aveirense, Largo da Vera-Cruz.—Séde da administração Rua da Vera-Cruz, Aveiro.

682

687

686

683

---

exigencias exclusivas de nenhum partido, e não poderei considerar como expressão de taes votos a que tiver origem na desordem, e for sustentada pela força... resistirei com inabalavel resolução a quaesquer pertenções que alterem, ou possam compromettar a ordem legal. (7 de fevereiro. R. D. da Terc.)

Sou servida declarar que se acha em vigor a carta constitucional de 1826, como lei fundamental do estado. (10 de fevereiro. R. D. da T.)

Cremos que palavras de Rei voltam atraz.

Cremos nos movimentos, desvios, e infracções da ordem legal, e disposições irregulares que tiveram logar para a restauração.

Cremos no cadafalso de White Hall, na guilhotina de 21 de janeiro de 1793.

Cremos no Porto de Cherbourg, e no de Valença.

Cremos que as revoluções não tomam o conselho do Evangelista S. Marcos—não Apostolos que sacudam a poeira das sandalhas, e saiam em paz quando as não queiram.

Cremos como Camões
Porque o reino d'altivo, e costumado
A Senhores em tudo Soberanos,
A Rei não obedece, nem consente
Que não fôr mais que todos excellente.

Finalmente cremos que muitos não se devem deixar espezinhar de poucos.

A liberdade não consiste na igualdade da miseria esse governo que nos restaurou da anarquia, pode bem merecer da Patria—achou a nação descamizada, e rota; encamize a, e vista-a, verá então como os *Sans-culottes*, quando se acharem *culottés* bradarem com o chapeu nas mãos, e voz de Stentor—ao capitolio, ao capitolio! São os salvadores da Patria!!!

Factos, e não theorias, obras, e não palavras, é do que precizamos: nada bom augouramos de governos que marchasm á toa por incultas devesas, e estreitos carreiros, não é esse o caminho do capitolio, é o despinhadeiro da Rocha Tarpeia.

to. Os livres são mais leaes, que os escravos, diz muito bem Delille «*os republicanos como Tacito beijão a mão a Marco Aurelio, e o throno d'este não tem melhor fiador qae a lealdade d'aquelles.*»

Estando já sobre o cadafalso diz a infeliz, e bella Joanna Gray «*o meu crime não é por ter querido cingir o diadema, mas por não ter tido a sufficiente firmeza, e resolução para o repelir: eu recebo de bom grado a morte, como a unica satisfação, que hoje posso dar ao estado ultrajado,*» e em seguida colloca sem algum signal de perturbação a cabeça debaixo do cutello do algoz!

Fecharemos esta lista com Luiz 16, e Carlos 10

Vous n'etes pas ici pour parler, mais pour mourir,

foram as ultimas palavras que ouviu um rei de uma monarchia de 8 seculos. Tantos exemplos, tão desgraçados, fazem os Reis melhores! *Dicant Padoani.*

O homem atomo imperceptivel, ephemero, e passageiro na cadêa das destruições, julgou que affrontaria centenares de seculos a obra dos seus trabalhos! Fragil, e quebradiça, como o ente que a ergueu, a obra do homem tem de acabar!

Quando a cratera do Vulcão fumega, e despede a sua lava, momentos bastam, para anniquilar obras de seculos!

Não queremos qual Diomedes ferir irreverentes o peito de uma Deuza, não queremos transformar a liberdade em Bachante, nem tão pouco occultarmo-nos nas alagoas de Miturnes; poupemos (em quanto podemos) o dizer-mos aos Pretores dos Syllas «vai dizer a teu amo que vistes Mario sentado sobre as ruinas de Carthago» mas se a tanto formos obrigados venham os Cinnas, e acampemos sobre o Janiculo, que em seguida se reuniram a nós os Metellos.

Acordarás Roma! Não terás acaso um plébeu que te capitanei ao monte Aventino? Não arranjarás entre os teus um Sicinio Belluto! Não responderás ao engenhozo apollogo de Menio Agrippa com a creação do tribunato, d'esse *veto*, d'esse *nós nos oppomos á vontade do Senado!* Precisarás acazo para te moveres, de condecorações, de cadeiras curules, de lictores por Carlos de Navarra: Carlos 7.º reduzido por algum tempo ao seu reino de *Bourges*: Henrique 6.º de Inglaterra destronado, e encarcerado na torre de Londres, e ahi morto: Henrique 3.º, que sem o conde de Glocester, de certo não morrera rei: Eduardo 4.º, que sem o duque de Borgonha morrera na maior penuria nos paizes baixos: Henrique 4.º de França, disputando á liga, o seu throno; o fim de ninguem ignorado de Carlos 1.º Carlos 2.º perseguido dentro dos seus proprios estados, battido em Worcester, mal acolhido em França, vivendo obscuro em Colonha, e para recuperar o seu throno esperando a morte de Cromwell, e a defecção de Monck: Jacques 2.º seu sucessor, morrendo sem corôa em S. Germain-en Laye: Jacques 3.º bem que reconhecido rei de Inglaterra por varios principes da Europa, morrendo em Roma, sem se ter ao menos assentado no throno: Gustavo Wasa escondido nas minas da Dalercalia: Gustavo 3.º assassinado em um baile, ao som de uma voluptuosa Walsa: Stanislau Lecksinski—Stalisnau Augusto, mortos ambos sem a corôa dos Jagellons, um com o Ducado de Bar, o Lorraine, outro simples particular em S. Petersburgo: Maria de Medicis, a viuva do grande Henrique, o heroe do Homero francez, mãe de um rei de França, madrasta de tres soberanos, morre nas garras da indigencia em Cologne: do fundo do seu retiro implora a parlamento de Pariz, de quem ella tantas vezes tinha regeitado as admoestações! Ainda hoje existe este documento: «*Supplica Maria, Rainha de França, e de Navarra, dizendo que desde o dia 23 de fevereiro ficara prezo no castello de Conpiegne...*

Maria Thereza lançando-se nos braços dos Hungaros, com o filhinho recem-nacido: o esse povo guerreiro, que havia mais de dois seculos, não tinha cessado de repellir o jugo da Austria, desembainha a espada, e exclama

Moriamur pro Regina nostra Maria Theresia.

e a dedicação de um povo restitue o seu vasto Imperio á Maria Thereza, que pouco antes tinha escripto á duqueza de Lorena que apenas lhe restava uma cidade para ter o seu par-

Os povos disfarçam damnos, e vergonhas, quando partem de tenções rectas, mas não teem perdão para damnos e vergonhas acompanhadas de tanta preversidade, de tamanha corrupção, de tamanhos abuzos, de tantas delapidações, de tanta quebra de principios, de tão continuo infringimento de leis — por este caminho tudo vai a pique, e então urgem as horas!

Se dos *portuguezes alguns traidores houve algumas vezes*, attentem bem os modernos, no castigo de D. Fernando duque de Bragança, nas punhaladas do duque de Aveiro (que os Reis tambem são assasinos) no Caminha, Villa Real, Armamar, e Malagrida: as tramas contra a liberdade natural n'essa terra, n'esses tempos, que nós os modernos *livres* desprezamos, não ficavam impunes! A mão do algoz decepava indifferente a cabeça do peão, do padre, do nobre, que até no cadafalso eramos então iguaes

...entre nous il n'est plus de distance
Quand la mort est si prés l'egalité commence.

deu Casimiro Delavigne estas palavras ao Doge de Veneza, Marino Faliero (decapitado em 1355, que já em esses tempos as republicas tambem decapitavam os Dogos!!!) dirigidas ao *arsenalista* Israel Bertuccio.

Malograstes infeliz Doge, a tua vingança, a negra boca do leão de S. Marcos não se fechou; mas tempo virá em que um joven capitão acampado nas visinhanças das alagoas da ponte de Marghera, com desdem, e desprezo fará desapparecer esse terrivel leão de todas as praças desde o Izonzo até o Mincio.

Uze embora a tyrania da tactica covarde, e traiçoeira empregada em todas as nações, reproduzida em todas as epocas, executada em todas as formas de governo, que não tem por base a justiça, a moral, e o bem estar dos povos, faça embora a tyrannia cadaveres ao Sena com o *laisséz passer la justice du Roi*, tempo chegará em que tambem cadaveres serão lançados ao Loire, com o *laisséz passer la justice du*